

VALDEMAR MOTA

# A Salga

Em Frei Pedro de Frias  
e uma Mulher Chamada Brianda



BPARLSR  
A Salga  
Aç94(469.922)  
MOT.



LSR204855

BPAR

Aç94(4.922)  
MOT.

# A Salga

Fotocomposto, Impresso e Encadernado  
por  
FILOGRÁFICA  
Impressão e Artes Gráficas, Lda.  
Rua Vale Formoso de Cima, 140-A - 1900 Lisboa  
1500 exemplares - Julho de 1981  
Fotos de Mário Fernando Corvelo

BPARAH *LSR*  
Reg. n.º 204855 *8/3/2000*



VALDEMAR MOTA

# A Salga

Em Frei Pedro de Frias  
e uma Mulher Chamada Brianda



Edição da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo  
comemorativa do 4.º Centenário da Batalha da Salga (1581-1981)

1981



## Do autor

*Vive em Angra quem Conheceu e se Lembra do Poeta da «Mensagem»*  
Atlântida, Vol. XIX (2-3), 1975

*O Pastel na Cultura e no Comércio dos Açores*  
Instituto Açoriano de Cultura, Coleção Ínsula, Angra do Heroísmo, 1976

*O Visconde de Porto Martins — Um Açoriano no Brasil*  
Instituto Açoriano de Cultura, Coleção Ínsula, Angra do Heroísmo, 1978

*S. Salvador de Angra 1.ª Conferência Vicentina (1904-1979)*  
Edição do Conselho Particular da Sociedade de São Vicente de Paulo,  
Angra do Heroísmo, 1979

No 4.º Centenário da Batalha da Salga  
(1581-1981)

*A primeira grande resistência  
às forças de dominação castelhanas*

I  
O Prior do Crato  
e as lutas antoninas  
nos Açores

O caso de D. António, Prior do Crato, foi uma consequência do desastre notavelmente triste de Alcácer Quibir, que abalou a estrutura física e moral do país, trazendo com o luto a dúvida, a amargura, a insegurança e depondo a responsabilidade do governo na mão caquética do já decrépito Cardeal D. Henrique. O rosário dos problemas da sucessão, que ele, o Cardeal, não se quis imiscuir, acabara por estoirar com danos irreparáveis para a independência de Portugal.

Entenda-se a posição do Prior, cinquentão, filho por bastardia do Infante D. Luís e neto de El-Rei o Senhor D. Manuel, o *Venturoso*. De venturoso são ínfimas as suas parecenças com o avô. A sua estrela foi mesmo pálida, pouco ou nada brilhando no firmamento político onde uma luz avassaladoramente mais forte e tensa refletia Filipe de Espanha. Aliás, com direitos à sucessão, só que era rei estrangeiro. Os pretendentes, além de Filipe, e de D. António, o filho da judia *Pelicana*, eram D. Catarina, duquesa de Bragança, filha do Infante D. Duarte, irmão de D. João III, com irrefutáveis direitos, Ranúncio, duque de Parma, filho da princesa D. Maria, irmã mais velha da duquesa de Bragança, tinha-se como sucessor mais próximo dada a progenitura de sua mãe. Outro pretendente era Emanuel Felisberto, o «guerreiro ilustre», filho de D. Beatriz, duquesa de Saboia e neto também de D. Manuel I. Até Catarina de Médicis se considerava descendente de Afonso III pelos filhos do casamento daquele monarca com a condessa D. Matilde de Bolonha, sem falar no Papa que *pretendia o reino como espólio d'um rei cardeal* — ao que assevera Drumond<sup>1</sup>.

---

1 Francisco Ferreira Drumod, *Anais da Ilha Terceira*, I, p. 191, nota.

Este era, sucintamente, o quadro dos pretendentes em 1580, ano em que morria Camões e se subvertia a pátria. De todos, D. António, encarnava a alma popular e «alvorçava mais a plebe do que a nobreza, toda a pegar-se à legitimidade, dizendo-o filho da judia Pelicana, concubina, e não esposa, do infante D. Luís»<sup>1</sup>.

D. António, foi, contudo, o ídolo do povo, a alma nacional. Esperavam dele as massas populares, propensas ao levantamento de estátuas aos seus heróis, a acção messiânica de um Mestre de Aviz, tornado D. João I, mercê da vitória extraordinária de Aljubarrota a um inimigo, que era sempre o mesmo.

O povo na sua fantasia vivia já o sebastianismo — a saudade e o regresso do Rei Sebastião perdido em África, algures em Marrocos, querido e desejado. Veio a lenda, com o primeiro, Diogo de Melo, acompanhado de outros cavaleiros embuçados, após batalha, batendo às portas de Arzila e fazendo-se passar pelo Rei. O caso, talvez por isso mesmo, daria lugar mais tarde ao aparecimento do *rei de Penamacor*, um aprendiz que fora da arte de olaria em Alcobaça, e ao conhecido *rei da Ericeira*, Mateus Álvares, açoriano e eremita, filho de um pedreiro da Vila da Praia, Ilha Terceira, pseudo-rei que acabara esquartejado em Lisboa<sup>2</sup>.

A figura heróica e multifacetada de D. Sebastião revelou-se. Para uns era o *Encoberto*, para outros o desaparecido, origem da lenda, para outros ainda morreria simplesmente como extrênuo cavaleiro terçando armas no desespero da batalha. Políticos menos escrupulosos o inventaram na carne de um tal Gabriel Espinosa, espanhol, conhecido pelo *Pasteleiro do Madrigal*, que acabou justicado. Muitos anos depois, já na geração dos nossos avós, havia crédulos sebastianistas.

O infeliz Rei D. Sebastião, terá mesmo vindo a ser sepultado no Mosteiro da Santíssima Trindade, em Ceuta, após o resgate do corpo pedido pelo Cardeal D. Henrique através do seu emissário, Fr. Roque do Espírito Santo, comissário da Ordem dos Trinitários Calçados, a dar-se crédito a um documento copiado em 18 de Dezembro de 1867, de um manuscrito da Real Biblioteca da Ajuda, divulgado por Afonso de Dornellas, então presidente da secção de heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses (*História e Genealogia*, Vol. VIII, 48), no qual auto se

declara que *Don Leonis Pereira capitao e governador da Cidade de Cepta, frey Roque, e Don Rodrigo de Menesses, que abaixo nos afirmamos nossos nomes, damos fee e uerdadeiro testemunho que Andre Gaspar Corço nos entregou o corpo de el Rey Don Sebastiao nosso Snör. que Deus ája, quarta feira dez dias do mez de Dezembro de mil e quinhentos e setenta e oito ás dez horas da manham, dizendo as palavras seguintes na dita entrega. Eu Andre Gaspar Corço entrego o corpo da Magestade de El Rey Don Sebastião, Rey que foi de Portugal, que Deus ája, e muito Reverendo Padre frey Roque, e aos Senhores, Don Leonis Pereira Capitão e governador desta fortaleza de Cepta, e a Don Rodrigo de Menesses, por mandado del Rey Muley Hameth, o qual me havia concedido o dito Real Corpo pera que o leuasse de presente a sua Magestade Catholica, com tanta liberalidade, com quanta affirmou, por juramento em sua lei, que fizera o mesmo, se o tiuera viuo em prisão, e chegada húa carta da catholica Magestade del Rey de Portugal, que lhe pedião o quisesse resgatar, pera o levar a Portugal, me mandou que o não leuasse a Castella, como de ante me avia mandado, senão que o trouxesse a esta fronteira de Cepta de Portugal, e em ella o entregasse solenemente como ao presente o entrego, tomando por testemunho que ho dito Muley Hameth, concedia, e presentaua, liure e graciosamente sem nenhün interesse este Real Corpo, á Magestade del Rey de Portugal, a intercessão e petição da Magestade Catholica del Rey da Castella, o qual depois de entregue, se trouxe com muita solênidade ao Mosteiro da Santissima Trindade, da mesma cidade, onde ora está. Feita em Cidade de Cepta, a dez dias do mez de Dezembro de 1578. Don Leonis — Don Rodrigo de Menesses — Andre Gaspar Corço — Frey Roque.*

Apesar desta carta, que bem poderá ser apócrifa, acreditavam os sebastianistas, com ou sem fundamento, que D. Sebastião não sossobrava na batalha e vivia, «coberto de vergonha pela derrota, se refugiara numa ilha, onde aguardava a sua hora de regressar ao reino, retomando o seu trono». Esta ideia parece fora propalada por D. João de Castro, neto do famoso vice-rei, que partira mesmo na esperança de o encontrar algures em terra africana, brumosa e distante. Neste episódio, cuja crença se dilatou, residiu a lenda do *Encoberto*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Rocha Martins, *História de Portugal*.

<sup>2</sup> Francisco Ferreira Drumond, *Anais*, I, p. 377.

<sup>1</sup> Rocha Martins, *História de Portugal*.





D. António, Prior do Crato,  
escultura de Mestre Maduro Dias, artista terceirense.

\*  
\*  
\*

D. António foi aclamado Rei nalguns lugares, inclusivamente os Açores. «Precisamente nos anos de 1580 a 1582 (Carreiro da Costa, *Esboço Histórico dos Açores*, 131) aquando da crise nacional que Portugal atravessa — os Açores participam activamente desse mesmo processo. Enquanto a maior parte do Arquipélago, por virtude de vários factos, cedo acaba por optar pelos Filipes, apenas a Terceira se arvora em único e último bastião de defesa da causa do Prior do Crato». Na Terceira fizeram a sua aclamação a cidade de Angra e as duas vilas — Praia e S. Sebastião.

Conta Drumond que a esse tempo serviam na Câmara de Angra de juizes ordinários, Artur de Azevedo de Andrade e Francisco Vaz Chama, e de vereadores Guilherme Moniz Barreto, Gaspar das Neves e Gomes Pacheco de Lima, e como procurador da cidade Pedro Vaz de Fontes. Tinha D. António mandado às Ilhas, como emissário, portador de cartas, a António da Costa, cavaleiro fidalgo da Casa Real. *Sendo lidas e ouvidas estas cartas em sessão pública (Anais, I, 196) presentes todos ou parte dos nobres e fidalgos da cidade, com grande fervor e alvoroço se ajuntaram e fizeram as cerimónias do luto e pranto por El Rei D. Henrique e logo juraram e levantaram por seu Rei ao dito D. António, sendo presentes a todos estes actos Pedro de Castro do Canto, Estêvão Ferreira de Melo, João de Bettencourt, João Lopes Fagundes, André Fernandes da Cea, Braz Dias Rodovalho, Christovão Borges da Costa, Manoel de Barcellos Machado, Guilherme Moniz Barreto, Francisco Vaz Chama, Antonio Francisco Barreto, Martim Simão de Faria, Diogo de Lemos de Faria, Bernardo de Tavora, João Dias de Carvalhal, o licenciado Roque Dias, o licenciado Balthazar Alvares Ramires, e outros muitos que servião o cargo da governança.*

Na Câmara da Vila da Praia o Auto da Aclamação de D. António data de 5 de Agosto de 1580, onde figuraram nomes dos principais, affectos à causa do Prior (*Anais, I, 197*). Apresentadas que foram em Câmara as cartas que trouxeram o emissário régio António da Costa, uma de D. António e outra da Câmara de Lisboa, logo a missiva do Rei foi beijada «e a pozeram na cabeça cada um per si, dando graças a nosso Senhor pela mercê que fizera ao reino, e disseram que elles obedeciam à eleição, e aprovavam e accitavam com todo o gosto e vontade possível, e protesta-



Anverso e reverso de uma moeda de cobre, quatro reais, cunhada em Angra no ano de 1582, em tempo de D. António, Prior do Crato.

vam de ter e haver ao dito Rei e Senhor D. António por seu Rei e Senhor...» (*Anais*, I, 198). Juraram, todos os que ali se reuniram, na presença do desembargador e fiel amigo do Prior, o corregedor com alçada na correição dos Açores, Ciprião de Figueiredo de Vasconcelos, e os nobres da governança, que tais eram, Gomes Pamplona de Miranda, capitão-mor da guerra e provedor das fortificações na Vila da Praia, os juizes ordinários João de Barcelos Machado e Pedro Álvares da Câmara, os vereadores Gil Fernandes Teixeira, António da Fonseca da Câmara e Simão Vaz da Aqualva, não faltando o procurador do concelho, Domingos Afonso, e os procuradores dos misteres João Afonso, Francisco Fernandes e Gaspar Rodrigues. Tinha ao que se vê D. António, por si, a nobreza e o povo da governação e «assim muitos fidalgos e cavaleiros, pessoas nobres e da governança da terra, e muita gente do povo», a avaliar pelo Auto da Aclamação<sup>1</sup>. Nessa carta, D. António, o pretendente, já se intitulava a ele próprio *Rei* usando da fórmula convencional *Eu El Rei vos envio muito saudar*, pedindo a sua aclamação nestes termos: — *Já tereis sabido como foi Deus servido de me alevantarem e haver por Rei destes reinos a cidade de Lisboa, e outras vilas e logares delles*<sup>2</sup>...

Desiludido com os acontecimentos lá de fora e a infortunada derrota de Alcântara, D. António ainda teve esperanças com a vitória alcançada nos Açores sobre os espanhóis, na batalha de Salga, na costa sul da Ilha Terceira, aos 25 de Julho de 1581<sup>3</sup>.

D. António esteve na Ilha Terceira alguns dias, onde se lhe fez grande e luzida recepção (26-VII-1582) e ouviu missa em S. Sebastião. A caminho de Angra e no lugar chamado o *Ajuntamento* (?) se quedou, sem

1 *Anais*, I, p. 197.

2 *Idibem*, I, p. 676.

3 D. António faleceu em França (Reueil, Paris) a 26-VIII-1595, sendo-lhe atribuídos uns escritos em latim traduzidos para vernáculo sob o título de *Soliloquios*. Os seus restos mortais foram sepultados em campa rasa na igreja de S. Francisco, de Paris, legando o seu coração à capela das clarissas da Ave-Maria. O Pe. A. Alberto Gonçalves na sua monografia *O Inditoso D. António Prior do Crato* (Liv. Ed. Andrade, 1937, Angra do Heroísmo), p. 61, dá-nos notícias das tribulações desse coração, na seguinte passagem: «...o seu coração foi depositado no (convento) de Ave-Maria, da Ordem de Santa Clara, num lindo sarcófago, ao lado do altar-mor, onde no ano de 1867 se constatou o facto, quando os franceses demoliram o convento para no mesmo local se estabelecer um mercado. Este coração foi encontrado em um pequeno caixão de chumbo, passando para o palácio da Municipalidade parisiense, donde desapareceu, em 1871, num grande incêndio que destruiu completamente o edifício». A Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, em tempo da ilustre presidência do Senhor Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte Real e Amaral, chegou a pensar nesta honrosa trasladação para a antiga igreja dos franciscanos de Angra, sobre que se fez depois absoluto silêncio, possivelmente devido a uma melhor averiguação dos factos.

descer do cavalo (diz a crónica de Frutuoso, VI, 165) a receber os cumprimentos e fazendo destriça entre affectos e desafectos da sua política, expurgando a ricos e fidalgos por não serem da sua causa e dando abraços a escravos recomendados. As Portas de S. Bento o foram receber os oficiais da Câmara de Angra e os dos misteres, deitando palavra Fr. António Merens, cidadão desta cidade, que lhe fez discurso eloquente e empolado frisando a lealdade das gentes das Ilhas, *principalmente do povo miúdo*. Teria havido também um urdido coro de crianças para que Frutuoso diga que a prédica do frade tenha causado nos homens e mulheres muito choro «e grito nos mininos», que bradavam vivas ao Prior, havendo até *um minino muito pequeno* que «passando por debaixo dos cavalos e gritando muitas vezes: Viva el Rei Dom António meu Senhor até pegar nele, *ele o tomou no ar e lhe meteu um anel muito formoso no dedo, levando-o consigo*».

Em Angra, pernitoou D. António em S. Francisco, passando no dia seguinte aos «paços do capitão», percorreu a cidade, visitou D. Violante do Canto, mãos rotas para a sua causa na qual consumiu mais de «trinta mil cruzados». Nesse dia a urbe embandeirou-se. Houve panos de seda e tapeçarias nas janelas não faltando «flores e águas cheirosas à sua passagem». Nessa altura o Prior aparecia como triunfador nas Ilhas, falou ao povo nas ruas e deu beija-mão. Visitou a Ilha, as fortalezas e o «porto onde morreram os espanhóis» — a Salga.

Em tal época Angra foi uma pequena corte honrada pelo seu Rei D. António, com o estabelecimento da Relação dos Açores com quatro deputados e um presidente, a Casa da Suplicação de Cível e Crime, o Desembargo do Paço e a Mesa da Consciência, criando-se chanceler-mor, escrivães, meirinhos da corte e procurador do fisco. Houve Casa da Moeda com ministros e oficiais peritos, ali se cunhando moeda de ouro, prata e cobre, ocupando catorze ou quinze oficiais com seu juiz da balança, escrivão e tesoureiro, *ao modo do reino e cidade de Lisboa*. Fizetam-se cunhos e cruces «para bater a dita moeda de ouro e prata e cobre, como eram moedas de ouro que corriam a mil reis, e outras de quinhentos reis, e de prata, que corria a quatrocentos reis, e tostões e meios tostões, vinteis (*sic*), e meios vinteis e patações de cobre a dez reis, assim os antigos como os que se faziam, e toda a mais moeda de cobre pequena que dantes corria, uma e outra com as marcas antigas de Portugal; e da banda das quinas tinha dois açores, com os pés fincados no escudo, como o

tinham mão (*sic*), com umas letras à roda, que diziam o nome do dito Dom António, e da banda das cruces as letras antigas ordinárias, que dantes se costumavam»<sup>1</sup>.

A abundância de peças trabalhadas que a generosidade particular entregou para o serviço de D. António e a existência da moeda, *quantidade de reales de prata que se ajuntaram*, permitiu que se batesse muita moeda nova de prata. Corre escrito com nódoa para a memória de Manuel da Silva, conde de Torres Vedras e loco-tenente de D. António, acusado de se abolotar com o produto da recolha, que este andou em pessoa pelas ruas pedindo ouro e prata para moeda, juntando grande número de cadeias de ouro, aneis, jóias, peças de prata e até âmbar<sup>2</sup>, pois era notória a riqueza em Angra nesses tempos e o alto comércio aqui desenvolvido com as viagens da Índia.

Aos oficiais da Casa da Moeda se pagava principescamente, como poderemos ver. Ao mestre ourives, um tal Gaspar Ribeiro, de Ponte de Lima, trinta mil réis de renda anuais e amerceado com o título de cavaleiro fidalgo, sem contar com a diária de cento e sessenta rs. que usufruía ainda para os gastos com a sua pessoa, outros tantos cento e sessenta rs. se pagavam a cada um dos oficiais, encarregados da fundição dos metais, vencendo os restantes auxiliares a cem réis por dia. E mais: *todos privilegiados e filhados por Dom António ao modo do reino de Portugal*<sup>3</sup>.

Conta a crónica de Gaspar Frutuoso que D. Filipe enviara «grossa armada sobre as ilhas, a esperar suas naus da Índia e mais frotas», sob o comando de D. Pedro de Valdez que aprisionando alguns barcos de pesca soube pelos seus tripulantes do estado de fortificação em que se encontrava a Ilha Terceira, pois constara das informações colhidas que, por armas, não havia mais que bastões, bestas e fundas, vindo a decidir *por conselho* o precipitado desembarque de tropas para a invasão e conquista da Ilha rebelde, para a submeter ao domínio de Castela e ao poder do seu monarca, Filipe I, o mais forte dos pretendentes à coroa de Portugal.

Outro contemporâneo destes acontecimentos, Frei Pedro de Frias, na *Crónica del Rei D. António*, conta que a causa do desembarque antes de chegadas as forças de D. Lopo de Figueirôa, teve origem em certa

1 Frutuoso, *Saudades*, VI, p. 163.

2 Cordeiro, *Hist. Insulana*, II, 2.ª ed., p. 149.

3 Frutuoso, *Saud.*, VI, p. 164.

costumeira castelhana, tal é em *dja do nome de qualquer fidalguo, se ajuntam houtros seus amiguos, e o pejnão com camtjgas e lbe pedem alguas couzas q̄ elle lbes comsede*. Parece que o dia deveria ser dedicado a S. Diogo e por isso se dirigindo a D. Diogo Valdez, mestre de campo e sobrinho de D. Pedro, o comandante dessa armada, *os capjtajs e ofjcaes das companhjas juntos foram peinar, e de fauor pedjrão qujzesse ao houtro dja q̄ era dja de santiaguo sajz em terra o q̄ ele tambem desejava e asjn se foram todos ao dō pedro, o qual comtra sua vomtade lbo conse-deo mas elles lbe derão razões a que ele obedeseo emtre as quaes foj dizer q̄ na terra não auja munjções nem gemte de guerra, e alem djsō q̄ os portuguezes lbe fogjam loguo em portugal e q̄ mjlor o farjam estes<sup>1</sup>...*

D. Pedro Valdez, desejoso embora de colher louros fáceis na conquista da Ilha, aqui, neste passo da crónica, é quase coagido e só terá mesmo dito sim *comtra sua vomtade*, cedendo enfim, quem sabe se perante a embriaguês fogosa do sobrinho, em festa de anos, jactando-se de que os portugueses lbe fugiam em Portugal e melhor o fariam estes, os dos Açores. Enganou-se o pobre e frívolo moço. Ninguém lbe fugiu e até o despiram... Aventuramente pôs D. Pedro Valdez em terra algumas levas de homens armados em dia de Santiago, uma terça-feira<sup>2</sup>.

Menos conhecida, mas, provavelmente mais pormenorizada é a *Crónica* de Fr. Pedro de Frias em relação à de Frutuoso. Este Pedro Frias foi contemporâneo de D. António, Prior do Crato e seu parcial, pertencia à Ordem de S. Francisco dos Observantes e era conhecido pela alcunha de *mil-homens*, embora fosse *homem pequeno*, no dizer de D. António Caetano de Sousa. O seu manuscrito, pouco divulgado até há bem poucos anos veio a ser publicado em 1955 por ordem da Universidade (*Acta Universitatis Conimbrigenensis*). Peça importante da última década do séc. XVI para a história dos acontecimentos da época do Prior, permaneceu entre os papéis de D. António fazendo parte de um espólio documental no castelo de Leefdael, nas proximidades de Bruxelas, vindo a ser incorporado (1934) no Arquivo Nacional da Torre do Tombo depois de adquirido ao seu possuidor o conde de Liedkerke (do prefácio à *Cronica Del Rei D. António*).

1 Fr. Pedro de Frias, *Crónica Del Rei D. António*, p. 45.

2 A julgar pela seguinte passagem de Fr. Pedro de Frias «... e ajres Jacome correa mandou a vespora de santjaguō q̄ foj a segumda fr.<sup>o</sup>, a domjngos louzel...», o que se confirma noutro passo do mesmo autor quando diz «depoes da vjstoria pasados quatro djas q̄ a sexta fr.<sup>o</sup> 28 de Julho».

É pois da autoria deste frade o texto que vai seguir-se sobre o episódio sangrento da Salga<sup>1</sup>.

## O DESEMBARQUE<sup>2</sup>

*deram se os castelhanos tamta presa q̄ sem perjguo sajrão em terra, a cauza de não auer quem lbo jmpedjse foj q̄ o dja de samtjaguō as tres oras amtemanha cometerão o p̄to em t̄po q̄ um dos cabos, co sua gemte era jdo, e a metade dos soldados do outro, e jmada os que fjarão que erão treze homens foj p̄ lbe djzer o seu cabo q̄ se não foçem p̄q̄ aquele era o t̄po q̄ lbes o g<sup>dor</sup>, majs em comendaua q̄ vjgjasem bem p̄q̄ era com-jumção e oras q̄ o jmjguo auja de saltar em terra, e que era neseçarjo aguardar ate sayr o sol pera descubrjrem o mar, e a paragem em q̄ amdaua a armada de seus comtrarjos estando nestas Razojs vjram vjr as lamchas, q̄ trazjam da prjma embarcaçam semto e sjmcoemta soldados, o bombardejro lbe atjrou com hũ berço, e p̄ não fazer boa pomtarja os errou, e os poucos cõmpanhejros, nam podemdo Resjstjr o pezo dos castelhanos se Retjrarão, e eles saltaram em terra a seu saluo p̄ emtam pera majs ua perda e fjm das vjdas.*

## A RESISTÊNCIA DA ILHA

*Como o bombardejro atjrou com o berso ao som do tjro acud-jo domjngos ouzel com os soldados q̄ trazja e a companhia de baltezar a<sup>o</sup>, capjtam da vjla de sam sebastjam, e quando chegua-rão era Ja a mayor parte dos jmjgos em terra e tam sedo q̄ quama-do deserão os da ujla de sam sebastjan, não se conbesjam*

1 Para a publicação desta obra de Fr. Pedro de Frias sobre os acontecimentos nos Açores no séc. XVI, evidenciaram-se para além de outras entidades e do próprio listado, Júlio Dantas, insigne Homem de Letras que foi ao tempo inspector-geral das bibliotecas e arquivos portugueses, e Mário Alberto Nunes Costa, pelo seu trabalho de paleografia, autor do «estudo e leitura» quando Conservador do A. N. da Torre do Tombo, e Alberto Oliveira, quando representante diplomático de Portugal na Bélgica. Manuscrito curioso o de Fr. *pero de frijas mil homeñs* (como ele se assinava), cuja publicação retardou cerca de 360 anos da versão espanhola dos sucessos açorianos, contados nos *Cinco Libros de Antonio de Herrera (Tordesilhas) de la historia de Portugal y conquista de las Islas Açores, en los años de 1582 y 1583* — Pedro Madrigal, Madrid, 1591.

2 A pontuação é da nossa responsabilidade, visto o original não a ter. Também nossos são os subtítulos introduzidos ao longo da *crónica* com o objectivo único de dividir e tornar mais apetecível a leitura de um texto extenso, necessariamente pesado, ortograficamente seguimos o original onde se emprega quase sempre o *j* por *i* e o *u* por *v*, além de consoantes maiúsculas como o *R*.

*hūs aos houtros pã gonçalo alures precurador da prouedorja da jlha pasou a caualo pelos jnjmjos de parte a parte, e fr<sup>co</sup> fêz gato do porto Judeu, se não ouujram falar os castelhanos os não conheseirão p̄ jrem corremdo não sabemdo o q̄ era mas como emtemderão a fala espanhola se Recolherão do meyo deles sajmdo g<sup>o</sup> alures cō o caualo ferjdo.*

### LANÇA O INVASOR FOGO EM TERRA

*Quando chegou a gemte da vjla de sam çebastjam tjnhão Ja os jmjos emtrado hũ pedaso pela terra demtro ate hũa casa de palha q̄ estaua hũ tjro de arcabus do p̄to, a qual os castelhanos qujzerão emtrar, e Ja em baixo tjnhão quejmado houtra os portuguezes os detjuerão q̄ não emtrasem majs pola terra.*

### HEROICIDADE DE CONÇALO ANES MACHADO

*E guonsaleanes machado q̄ comsjguo leuaua dous f<sup>o</sup>, e hũ crjado quando vjram arder a casa, q̄ era de hũa sua f<sup>i</sup>, e os castelhanos tam soltos, ajnda a pe e os f<sup>o</sup> com suas armas Remeteirão a eles pelejamdo cō m<sup>to</sup> esforço como eram poucos o matairão cō hũ f<sup>o</sup> cajmdo ambos Jutos e o houtro cō eles mal ferjdo de hũa arcabuzada o crjado foj tambem companhejro, em Remder o spjrrjto, não se qujzerão Retjrar queremdo majs fjar cō o nome de morrerem p̄ seu Rej e patrja q̄ não fugjrem, os moradores da vjla tamto q̄ se baralharão na escaramuça cō os jmjos pera os deterem.*

### AVISO AO GOVERNADOR QUE ESTAVA NA VILA DA PRAIA

*Mamdarão cō m<sup>ta</sup> presa aujzo ao g<sup>dor</sup> q̄ estava na praya, p̄ emRjque frz em hũ bom caualo, em nasendo o sol chegouo ao mostejro de sam fr<sup>o</sup>, homde estaua, damdo lhe Recado do q̄ passaua, o g<sup>dor</sup> com os seus, e m<sup>el</sup> frez de quadros J<sup>o</sup>, pacheco f<sup>o</sup>*

*de djoguo pacheco, bras nojejra, e outros q̄ com ele se acharão q̄ erão p̄ todos doze de caualo, se partio com a presa q̄ se apre-  
zentaão, e cada hũ leuaua hũ homen nas ancas de seu caualo, e todos com seus arcabuzes, semdo em numero vjnte e quatro arcabuzejros, com o g<sup>dor</sup>, e prim<sup>to</sup> q̄ lhe dessem o Recado o deu emRjque frz ao capjtam fr<sup>co</sup> djas, e a martjn sjmão de farja, djoguo de lemos o velho q̄ estauão em suas estamçias Junto a vjla da praya os quajs sem esperarem pelo g<sup>dor</sup> cheos de colera acudjão aomde os jmigos estauão, e dos prjm<sup>tos</sup> q̄ chegarão, foj fr<sup>co</sup> djas de samtjaguo p̄ tomar hũ caualo no camjnho acompanhado de quatro soldados, ao tpo q̄ chegou estauão os castelhanos pera p̄ foguo a casa de palha; homde moraua gemte, e com os companhejros q̄ leuaua derão sobre doze castelhanos tamto depresa q̄ os fjeram desatjnar, e a es-  
pada aRodelados.*

### RETIRADA PRECIPITADA DOS ESPANHÓIS

*Meterão antre os jmjguos com tamto esforço q̄ matamdo tres dos espanhoes fjerão Retjrar os houtros ate baixo, e meteram nos antre os seus, q̄ estavão jntrjnchejrados, e os sjnco ptugezes, guanharão hũa estamçja jmportante, os espanhoes p̄ m<sup>to</sup> q̄ fjerão pera os botarem fora Jamais o poderão fazer, o g<sup>dor</sup>, veyo corremdo a costa ordenamdo de camjnho a gente polas estamçjas ao lomguo do mar, leuamdo sempre, adjamte hũa companhja pera com ela se ajudar quamdo cheguaçe aos castelhanos, e nesta ordem não auja detemça, som<sup>te</sup> corremdo daua palaura aos capjtães do q̄ aujam de fazer p̄que como na armada hjam homens grandes soldados, e ardjlozos na guerra, se temja do jmjguo cometer em hũa parte, com algũa gemte, e dar em a outra com o Resto.*

### PELEJAM NOBREMENTE OS HOMENS DE FRANCISCO DIAS, MARTIM SIMÃO DE FARIA E DIOGO DE LEMOS, O VELHO

*Quiz o g<sup>or</sup>, deixar tudo persbjdo p̄ q̄ o não tomassem em djs cuberto, a asj chegouo com toda a breujdade, em tpo q̄ os portuguezes mal cudauão q̄ tam prestes podese ser cō eles, vem-*

do q̄ estauão pelejando, correo p̄ todos pera os anjmar e cō sua vjsta se esforçarem, e pelejarem mjlor, sendo ja cheguados, e pelejando os soldados de fr<sup>co</sup> dias, e os q̄ acompanhauão a martim sjmão de farja, e a djoguo de lemos o velho, o g<sup>or</sup> os pos em ordem polas trjncheiras de paredes dos serrados q̄ pelo campo auja, e em partes neseçarjas domde pelejauão com menos Rjsco das vjdas, e Joan pacheco ajmda q̄ m<sup>to</sup> moço na jdade era muj esforçado pelejando valerozam<sup>te</sup>, o matarão, auemdo pouco espaço q̄ era cheguado cō o g<sup>dor</sup> fjcando sotjsfeito de seu jnjmjuo p̄q̄ desparrando ambos a hūa se asertarão pelas cabeças, e cajram mortos.

#### SISTO DE DORNELAS E ARTUR DE AZEVEDO

Tambem matarão o alferes da cōpanhja de baltezar a<sup>o</sup> capjtam da gemte de sam çebastjam, o capjtão de q̄ o g<sup>dor</sup>, se melhorou com sua gemte, das estamças da costa foy sjsto dornelas, estando escaramuçado hū bom espaso como tjnhão mandado Recado a sjdade a ajres Jacome correa virão vjr da mesma parte o capjtam artur dazeuedo, cō sua companhia pela parte do p<sup>to</sup> Judeu, trázja hū falcam em hua carreta, e tamto q̄ o g<sup>dor</sup>, o vjo vjr paresemdo lhe q̄ trazja cōsjguo toda sua gemte q̄ erão quazj trezemos homens, e vimdo daquela parte, ficaua o g<sup>dor</sup> com os majs da outra, e os jmjgos no meyo determjnou de serrar cō eles, no tpo q̄ artur dazeuedo pela sua bamda cheguaçe, pasou loguo palaura p̄ todos q̄ quando artur dazeuedo mandase tjrar cō a pesa, desem pela sua parte nas costas dos castelhanos p̄q̄ aujam de fazer Rosto aos q̄ os hjam cometer, e se tornaçem sobre ele, q̄ o capjtão artur cō a sua gemte lhe fjarja damdo nas espaldas, estando ordenado o q̄ aujam de fazer.

#### CIPRIÃO DE FIGUEIREDO MOSTRA A SUA INDÔMITA CORAGEM ATÉ QUASE SE MISTURAR COM OS INIMIGOS

Comesou o g<sup>dor</sup>, a deser, e foy marchando, tamto abaixo q̄ algūs dos jmjguos lhe fjcauão p̄ hū lado, como chegou o capjtão artur sem çe Refazer da sua companhia q̄ vinhão atras cam-

sados p̄ serem duas legoas, como vjo perto os jmjguos p̄ ser muj esforçado e lhes ter boa vomtade mamdado p̄ foguo a pesa aRemeteo a eles, cō obra de secemta e sjnco soldados q̄ cō ele chegarão, vemdo o g<sup>dor</sup>, atjrar a pesa deu grjta djzendo samtjaguo, e Remetemdo pera os jmjgos, dos quaes sahja hūa mamgua comtra artur dazeuedo de doze ate catorze soldados, e trauando se a brjgua, lhe matarão quatro hou sjnco ptugezes no prjm<sup>to</sup> emcomtro, vemdo se o capjtam tam mal acompanhado p̄ serem todos os seus soldados vjzonhos, e algūs se espalharem.

#### A EUFORIA NAS HOSTES INVASORAS LEVOU D. PEDRO A PÔR CAMISA LAVADA E A VESTIR-SE DE VERDE

Se Retjrou o mjlor q̄ pode com sua bamdejra, e os poucos q̄ cōsjguo tjnha a hū alto, homde se fez forte, e os da parte do governador, quãdo virão o mau suceso, tornarão atras, tamto sem ordem q̄ ouuera de fjar p̄zado debaixo dos pés da gemte p̄ Ir a pé p̄ amor da aspereza da terra, p̄ os castelhanos terem tapados os camjnhos, e pelejarem p̄ detras das pedras, tornãdo se os portugezes domde damtes se defemajam, ficarão os castelhanos tam vfanos e soberbos com aquele pequeno emcomtro q̄ cudarão q̄ tjnhão guanhada a jlha, ficamdo em seu poder o falcam de artur dazeuedo, escreuerão logo a dō p<sup>o</sup> de baldes q̄ se alegreçe p̄q̄ a vjtorja era sua, o q̄ ele feztejou de tal maneira q̄ como vemcedor, vestjo camjza lauada, e se vestjo de verde e ljonado metjdo em hūa lamcha veyo ao lomguo da terra, e tjramdo lhe com hū berço tam a pomto q̄ se dije q̄ lhe leuara hū dos Remejros q̄ foy cauza p̄ domde tornou atras.

#### O REVÉS NÃO SE FEZ ESPERAR... E AINDA NÃO ERA MEIO-DIA

Era jsto amtes do meyo dja, e gaspar daraujo de barros, cheguando cō sua companhia ao pto Judeu, esperou pera acabar de aJumtar sua gemte q̄ vinhão camdados e eçalmados, e hū falcam q̄ trazjam deixarão em hūa estancia p̄ não poder o carro

passar p' amor das paredes, neste tpo emcomtrou, cō o p<sup>o</sup> frej bas camelo, q̄ era guardjam do mosteiro de são fr<sup>co</sup>, da sjdade, cō hũ montamte nas maos djzendo em alta vos, acudj q̄ se Retjrão os portugezes, e vemdo gaspar daraujo algũs soldados, de artur dazeuedo, os fez tornar cō ele lembrando lhe q̄ era homrra, p' o feyto aos pjlouros, q̄ so a justjça que tñhã p' sj bastaua pera os ljurar dos seus jmjgos q̄ foçem em busca de seu capjtão, o q̄ eles fjerão, e gaspar daraujo vemdo hũa estamçja fromtejra do jmjguo q̄ estaua em hũ alto f<sup>ca</sup> de paredes orde-nou sua gemte nela Jugamdo as arcabuzadas como vñhã de Refresco se trauou bem a brjgua de sua parte, perto dele estaua, gomes pacheco de lyma com sua gemte não osjzozos p'q̄ tambem defemdjam sua praça, tambem os capjtães baltezar, pjmjntel, da jlha das flores, e sjmão ferrejra alemão, e garçja glz madrugada, da jlha do pjco o fjerão tambem co os seus soldados, q̄ não ouue q̄ lhes leuasse vemtajem, no esforço, como a calma era gramde, acudjrão cō pjpas de aguoã pera Refrescar a gemte q̄ semtjam mais a sede q̄ o perjguo dos pjlouros.

#### ACODEM AS MULHERES AO CAMPO DE BATALHA DA SALGA

As mulheres acudjrão ao campo, com tamto anjmo q̄ se tjuerão armas, tambem pelejarão, bradauão q̄ desem batalha, o q̄ fazja aos portugezes, terem mayores desejos de a darem e dō p<sup>o</sup> de baldes, com as esperamças da vitoria, e pera dar concluzão a Remderem a jlha mandou de Refresco sjmco lanchas de soldados pera ajudarem os seus q̄ pelejauão em terra, do q̄ algũs ptugezes, fjarão temerosos mas o g<sup>dor</sup>, os esforcou djzem-do q̄ não temecem p'q̄ esperaua em d's q̄ quamto mais gemte foçe tamto mais famosa vjtorja terjão.

#### O ARDIL DO «GUADO» COM CONIVÊNCIA DE AMBRÓSIO DE ÁVILA

E Ja q̄ os jmjgos erão tamtos q̄ cōujnha pelejarem, trjnchej-rados ate mamdar buscar o guado q̄ amdava na serra q̄ era gramde camtjdade de vacas pera vzar de hũ ardjl q̄ ambrozjo

daujla, como ele tñha comunjcado pera comtra os castelhanos e menos perda dos portugezes, mamdou loguo tres homens em busca dele, com m<sup>ca</sup> breuidade.

#### INCIDENTE COM UM «FALCÃO PEDREIRO» ENQUANTO OS ESPANHÓIS APOSSADOS DE UMA «CASA SOBRADADA» TINHAM NELA SUA BANDEIRA

E tambem mãodou pola posta a sjdade buscar poluora, e vjnagre e hũ falcão pedrejro pera com ele fazer dezalojar os espanões, q̄ estauão de posse de hũa casa sobradada, dōde p' amtre as telhas do telhado tjrauão e fazjam dano aos ptugezes, e na Janela tñhã posta a sua bamdejra, como homens q̄ estauão seguros, em vjmdo a poluora mãodou o g<sup>dor</sup>, avjzar q̄ nenhũ soldado a foçe tomar com murrão na mão, e como a Reuolta era gramde algũs descudados fjerão o comtrarjo q̄ foj cauza de dar o foguo na poluora e quejmou sete ou ojto homens, amtre os quaes, erão, o p<sup>o</sup> frej lujs de sam boavemtura, e o lecemcea-do domjngos ouzel, nenhũ deles morreo, a este desastre derão os castelhanos gramde grjta, mas outro tamto fjerão os portu-gezes, a outro semelhamte caso, de foguo como este, mamdou o g<sup>dor</sup>, a ajres jacome correa q̄ lhe mandase hũ golpe de arcabu-zejros dos mjlhores que auja na sjdade, e tjueçe m<sup>ca</sup> vjzja com a mamdar guardar, o q̄ a gemte se não sajçe dela.

#### OS REFORÇOS QUE VIERAM DA PRAIA

Easj o fjerão, mamdamdo loguo, algũs homens, os q̄ che-garjão Juntos p' hũa vez foram coremta, com os quaes foj m<sup>ca</sup> correa de melo, homen fjdalguo, morador na jlha grasjoza, e da praya acudjrão prjm<sup>ca</sup> aluoro martjns almoxarife, manoel dornelas de souza, e ãbrozjo d'aujla, e o capjtam baltezar ma-chado, o qual como cheguou Remeteo com a estamçja dos jmjgos com m<sup>ca</sup> esforço, pelejamdo em campo djscuberto e com ele o sargemto mor manoel qujmtejros, neste tpo cheguou p<sup>o</sup> da costa de mendoça com sua cōpanhja das lajeas, e amt<sup>o</sup> da fomçequa, com a cōpanhja de seu cunhado gaspar camelo

do Reguo p̄ estar ferjdo de hũ desastre, como da parte de baltezar machado se asemdeio mais a escaramuça carreguando os espanhoes sobre eles se Retjrarão p̄ duas vezes.

#### OS DA ILHA RECUPERAM TERRENO ONDE JÁ TINHAM ARDIDO MAIS DE 50 MOIOS DE TRIGO

E tornãrão a ganbar a terra q̄ tjnhão perdjdo homde lhe matarão dous homens e algũs ferjdos, não tamto a saluo dos jmjguos p̄q̄ fjarão Resebemdo major dano, a peleja se trauou por todas as partes, comesamdo os castelhanos a cajr, e duarte de vascomselos vja leuar algũs ferjdos a bordo e todos dos pejtos pera sjma couza q̄ lhe deu esperamca do q̄ ele desejaua, e p̄ ouujr q̄ auja mais de sjmcoemta dos castelhanos mortos de arcabuzadas, e os mais deles detras das paredes o q̄ os fez descomfjar tamto q̄ mandarão djzer q̄ se tornarjam a embarcar p̄q̄ a gemte Recresja e erão m<sup>to</sup> bons arcabuzejros, o q̄ mais meteo aos portuguezes em colera pera acabarem a vjda ou vemçerem, foj q̄ quamdo os castelhanos dezembarcarão pozerão fogo aos trigos e ē hũa efra qujmarão mais de sjncoemta moyos e palauras jmjurjozas cõtra suas homrras pelo q̄ determjarão darem batalha como o gado cheguaçe.

#### A ESTRATÉGIA DO «GUADO»<sup>1</sup> EM DOIS ESQUADRÕES

Como o g<sup>dor</sup>, vjo q̄ era o guado chegauado tememdo se djlatase o emcomtro pera mais tarde q̄ poderja anojteser, e pelo q̄ tjnha vjsta de dja determjnou em loguo dar batalha q̄ não se lhe jr de nojte algũa gemte, mamdou fazer do guado, dous esquadrões q̄ podja ter cada hũ dozemtas vacas, hũ deles botarão pola bamda domde estaua artur dazeuedo pera q̄ cõ ele pola, sua parte dese nos jnjmjgos, e o houtro, emtrase p̄ homde o g<sup>dor</sup>, estaua com a mais gemte, ordenou hũa mēa lūa, mandãdo algus soldados em ordem ate se jrem ajumtar cõ hũa das

pomtas da gemte de artur dazeuedo, e a cõpanhja de p<sup>o</sup> da costa, deseio pola parte do pjco de cõtemda omde estaua sjsto dornelas cõ a sua gemte, e baltezar machado cõ o sargemto mor tambem com os seus se pos em ordem, e a gemte da sjdade hja no meyo vemdo os castelhanos como os hjam çercamdo, e o guado na djamtejra, postos Jũtos da praya se ffzerão em hũ batalhão quadrado, cõ suas manguas de pjquejros pera sostemta-rem ambas as partes da praya ate hũs penedos q̄ da parte esquerda os ajudarão determjnãdo ao emparo das pjcas embarcas os arcabuzejros q̄ foj cauza de mais depresa se perderem, achamdo se emguanados pelo q̄ lhe tjnhão djto q̄ não tjnhão os da jlha mais armas q̄ bastoes, bestas, e fumdas, estamdo o g<sup>dor</sup> pera fazer sjnal, se pos a caualo o p<sup>o</sup> frej p<sup>o</sup> da madre de d̄s, tomou a bamdejra de gaspar daraujo de barros, a qual tjrou a seus alferes p̄ desguostos q̄ emtam cõ ele tjuera, semdo muj anjmozo mamçebo.

#### CHEGADA DAS «VACAS» QUE EM TROPEL INVADEM A «PRASA» DOS CASTELHANOS

E como as vacas chegarão aomde o g<sup>or</sup>, estaua pela boa vomtade q̄ ele e os portugezes tjnhão de se emcõtrarem com os jmjgos não esperarão q̄ as outras chegaçem a artur dazeuedo, derão loguo os da sua parte que poderjam ser os prjm<sup>tos</sup> quarenta e sjmco homens, hymdo polo camjnho q̄ estaua jntrjnchejrado qujs d̄s que pera terem lugar de passar se achou alj hũ moço quazj mjnjno de pouca idade de emRjque frz q̄ abrjo hũ ptal pera as vacas emtrarem na prasa dos castelhanos, tjnha dado o g<sup>or</sup> palaura a todos q̄ tamto q̄ vjçem a gemte deser com as vacas desem grande grjta com sãotjaguo djzemdo fogem os castelhanos antre os quorenta e sjmco, hou sjmcoemta q̄ foram cõ o guado, erão m<sup>el</sup> frz de quadros, costamjno de fjejredo, f.<sup>o</sup> do g<sup>or</sup>, e tres crjados seus, e o capjtam fr<sup>co</sup> djas, brás nojebra, e gaspar daraujo hja ã outra parte cõ sua gemte q̄ deu no mesmo t̄po em os jmjgos.

<sup>1</sup> Guado, forma arcaica, ou gado na ortografia corrente, lhe chama também Frutuoso (Saud. VI, 158).



FREI PEDRO DE BANDEIRA ALÇADA  
E AS VACAS ADIANTE

*E como o p<sup>o</sup> frej p<sup>o</sup>, não podja a caualo passar os serrados foj corremdo p̄ detraz das paredes, e damdo volta se ajuntou tamto com os castelhanos em tpo q̄ gaspar daraujo, o socorreo foram as arcabuzadas tamtas sobre ele q̄ fizeram da bamdejra Rede, e lhe foj forçado botar çe do caualo abajxo, e seu capjtam lhe acudjo, e tornou a emtregar a bamdejra, a seu alferes, q̄ chamauão gaspar glz pedjndo lhe perdam do agrauo q̄ lhe fizera, e juguando as arcabuzadas, e pola sua parte tambem hja sjsto dornelas, e p<sup>o</sup> da costa de mendosa com as suas companhjas, todos Remeterão cō m<sup>u</sup> furja de tal man<sup>u</sup> q̄ os jmigos loguo dezesperarão de se poderem salvar, p̄ que hūs estavão da parte p̄ homde conceberão j<sup>o</sup> da costa, e sisto dornelas, baltezar machado, e o sargento mor se botarão p̄ hũa Rocha abajxo, não p̄ emtenderē q̄ se podjam salvar por ser alto e ao lomguo do mar grandes pedras e penedos trazjam em sua companhia duas lanças de fogo com q̄ cudaram de empedjr o cursso das vacas, vemdo q̄ emtrauão cō eles, e os Rompjam, se qujzerão valer das suas lamças contra os homens, hũ deles atjrou algūs botes ao capjtam fr<sup>co</sup> djas os quaes lhe Rebateo cō hũa Rodela q̄ leuaua, p̄ q̄ os majs dos soldados da sjdade amdauão cō elas, e as trazjão de sobreselente.*

760 CASTELHANOS MORTOS, AFORA OS AFOGADOS  
E OS FALECIDOS POR FERIMENTOS  
RECEBIDOS NA PELEJA

*Alem do seu arcabus, e como serrarão cō os castelhanos, vje-rão a espada de fejcão do emcomtro, não durou hũ quarto de mea ora p̄ q̄ foj o espaso de abrjr hũa mão, e serramdo, no qual matarão setesentos, e seçemta castelhanos, cõtados alem dos q̄ se dejtarão ao mar, e com o pezo das armas se afoguarão, e outros q̄ depoes morrerão das ferjdas q̄ no prjmcjpio forão Recolhidos nos naujos, do mar vjo dō p<sup>o</sup> de baldes q̄ p̄ hũ camjnho q̄ vjnha do alto dar na fromte do esquadrom hũa grande poejra*

*leuamtada, e cheguãdo se ao batalhão, ouujrão, hũa grande grita, com ver deser a gemte q̄ estaua nos altos, como pera dar batalha, e ouujrão ate sem arcabuzadas, e loguo de Repente, o p̄o e a grjta com o Rumor das armas, foj tal q̄ os do mar não vjrão outra couza majs q̄ algūs cabezas de homens q̄ se vjnhão acolhemdo aos batejs q̄ p̄ todos serjam ate vjnte, e os portugezes metjdos nagoa monteamdo com as pjcas algūs q̄ o temor da terra, e o do mar fazja beber cō a aguoa da morte.*

MANDOU O GOVERNADOR QUE A NENHUM  
SE DESSE VIDA

*fr<sup>co</sup> djas se emcomtrou com hũ valerozo soldado, bem armado, e trazja hũa pjca, o qual he djse, sñor se çoes cauvalho, yo me Remdo a vos p̄ q̄ soj cauvalho, fr<sup>co</sup> djas lhe Respõdeo, sj çoes cauvalho defemdej uos como cauvalho, quamto a bjzomho foi a Resposta homrrada, e cõprjr o q̄ o g<sup>dor</sup>, mandara q̄ não desem a nenhũ a vjda, e pera soldado não tem desculpa, matar o q̄ se Remde, vemdo o castelhano o desemguano se determjnou a vemder a vjda por seu preso, cometendo a fr<sup>co</sup> djas cō a pjca lhe deo hũ emcomtro q̄ o fez ajoelhar com ser homem de grandes forcas, e hũ seu negro q̄ fjcaua a hũ lado, do espanhol jndjrejtando cō ele lhe deo hũa estocada pola guargãta e cō o sñor o acabarão de matar, pelo q̄ fr<sup>co</sup> djas a o semtou aquele dja comsjguo a mesa, e o qujzera forrar, o q̄ o escravo não qujz asejtjar.*

ASSIM ACABARAM ALGUNS DA FINA FLOR  
DE ESPANHA COMO D. DIOGO DE VALDEZ,  
D. LUÍS OSÓRIO, FRANCISCO DE PADILHA,  
D. JOÃO SARMENTO, D. PEDRO DE TORQUEMADA  
E MAIS FIDALGUIA

*Djserão q̄ este castelhano era dō lujs de bação sobrnho do marques de santa cruz, omde tambem acabou, dō djoguo de baldes, e dō lujs ozorjo, fr<sup>co</sup> de paujlha, dō Joam sarmento, dō p<sup>o</sup> de torquejmada, e outros fjdalguos, desta sorte, fjljpe arta-*

da o montanhes, com todos os morguados, couza foj esta de notar em tam pouco espaso matarem tamta gemte não he menos pera admjrar duas couzas q̄ neste tpo acomteserão, a prjm<sup>m</sup> q̄ na batalha homde tamtos espanhoes morrerão não matarem nem ferjrem hũ so ptugues, a sjsto dormelas q̄ pozerão duas pjcas nos pejtos ele as teue com as mãos ate q̄ os matarão, a manonel frz. de quadros derão com houtra pjca pelos pejtos com tamta força q̄ derrybarão no chão vale lhe trazer hũ pejto duro por homde o não matarão.

#### COM A FUGA DOS ESPANHOIS SE LEVANTARAM ALTANEIRAS AS ONDAS DO MAR SORVENDO-OS

A segumda foj, q̄ fazemdo aquele dja, a mayor calma q̄ Jamajs na jlha vjrão, e o luguar omde o jmjguo sayo tam qujeto posto q̄ o mar é outros tpos amdase muj brauo, naquela bahja sempre estaua sereno, e como os jmjgos fugjrão dos portuguezes hjmdo pera se meterem nele se aleuamtarão as ondas tam altas q̄ de muj lomgue tornauão nas alturas delas a serem aRemesados na praya, maraujlhauão ce os homens, de verem o mar tam qujeto, p̄ fora q̄ paresja coalhado, e demtro naquela baya amdar tam alto com a furja da brabeza tjnto em sangue q̄ dos corpos sayam e outros q̄ matauão demtro naguoa, e os q̄ o mar com a furja com q̄ os botaua nos duros penedos fazja pedasos, e os q̄ se botauão da alta Rocha, e de gramdes penedos, e outros q̄ hjam nadamdo os matauão as arcabuzadas p̄ omde se comuerteo a aguoa em tjnta de sangue.

#### UM FORNO COMO ESCONDERIJO PARA TRÊS

Ajnda q̄ a forneira dalgibarota faltase neste, emcõtro não faltou hũ forno q̄ na caza onde os espanhoes se Recolherão estaua, no qual se escomderão tres castelhanos q̄ polas pernas tjrarão fora, e derão as vjdas nas mãos dos portuguezes, tam-bem acharão no fim da Rocha dous soldados debaixo de hũa



Costa sul da Ilha Terceira no ano de 1587, onde não aparece o nome de Salga entre a bahia da Angra e o Piq<sup>o</sup> de Salvador coelho, segundo uma reprodução existente

lapa, em q̄ o mar batja q̄ foram leuados ao g<sup>dor</sup>, hũ era espanhol q̄ chamauão Joam peres e houtro era portuges natural de vjla ujsosa, os quaes não matarão p̄ ser o jmpjto pasado, e deles se soube algũas partjcularjdades.

#### DA GENTE PORTUGUESA MORTA NA PELEJA QUE DUROU DAS QUATRO DA MANHÃ ÀS QUATRO DA TARDE

Dos portuguezes foram mortos nas escaramuças, amtes de da a batalha vjnte mas destes não matarão os espanhoes majs q̄ catorze e os sejs pelos ptuguezes p̄ desastres amtre os quaes foj belchjor glz da vjla da praya, e hũ mestre de hũ naujo q̄ estando despojando hũ castelhano q̄ estaua morto o matarão pelo não conheserem, e hũ dos ojtemta, cõ os majs, durou a peleja ate o fjm da batalha das quatro oras da manha ate as quatro depoes de meyo dja, nam auêdo majs q̄ fazer despedjo, o g<sup>dor</sup> a gemte pera q̄ foçem descamçar, e ele se Recolheo na vjla de sam çebastjam pera fazer curar, os ferjdos q̄ não cheguauão a des, amtre os quaes foj martj sjmão de farja, e emterrar os portuguezes mortos, na jgreja da vjla, ao houtro dja pola menha mamdou vjr carros pera ajumtar os espanhoes e faze los emterrar asj por exemplo de crjstamdade como p̄ não jnpjçjanarem com o mao chejro a gemte q̄ aujam de Rezedjr nas estancjas em hũ poso q̄ estatua sem aguo a emterrarão setemta e ojto, os houtros pouoarão m<sup>tas</sup> covas de trijuo q̄ alj estauão amtjgas emq̄ Recolhjam as noujdades.

#### FIM DA BATALHA VITORIOSA AS FORÇAS DA ILHA ALÇAM BENDEIRAS E RENDEM GRAÇAS EM SOLENE PROCISSÃO DA SÉ A S. FRANCISCO

Acabado tudo, tomaram a bumdejra dos castelhanos, com o despojo em carros se foram caminho da sjdade homde os estaua esperãdo toda a clerezja, e foram trjumfando pola sjdade com hũa solene perçção, hjmdo da sé a san fr<sup>co</sup>, omde houue

preguaçan selebrando esta vjtorja, e merçe q̄ noso sör lbes fjzera pelo q̄ lhe derão grasas, fjcando o g<sup>dor</sup> sjpjam de fjgejredo vascomselos, com major homrra desta vjtorja de q̄ ganhou o gran çjppjam amtre os Romanos nas brauas, e grandes batalhas q̄ vemça com soldados exercjtados na mjljeja, e capjtães de m<sup>o</sup> cõselho, e o g<sup>dor</sup>, com gemte vjzonha, comtra soldados tam valerosos, e espjrijmentados sendo quazj em numero tamtos hũs como os houtros.

Encerra neste ponto o relato de Frei Pedro de Frias no tocante à batalha da Salga, doze longas horas de carnificina e ódio, de tal forma que dois anos depois havia de ser cruamente vingada pelo valente cabo de guerra, soldado experimentado, general de mar e terra, D. Álvaro de Bazan, marquês de Santa Cruz. Dos despojos, no campo da Salga, dá-nos notícia Frutuoso: houve armas e ricos morriões dourados, alguns deles de prova, rodela de aço muito ricas e muitas espadas, de muito preço, muitos vestidos, mosquetes e arcabuzes, com seus frascos e grande número de borrachas e alguns barris de pólvora.

A partir de então, foi elaborado um vasto plano de reforço em toda a Ilha, mas no «porto da Casa da Salgua — escreveu ainda Fr. Pedro de Frias — eram contjnos quatro capjtajs com suas companhjas, e no pto Judeu hũa, as tres companhjas de san çebastjão guarduão da salgua ate a sua fortaleza», para além de outras forças na Rjbejra seca, em santa marguarjda, do pto martjm a vjla da praya, no pto junta a caldejra, no porto de vjla noua dagualua, nas noue Rjbejras, nos bjscoutos e calhetas deles, no pto do garnel del Rej, às quatro Ribejras e sam mateus, em sam bertolameu, no fanal, no porto dangra, e no vale de estevão ferrejra, val de ljnhares e lugar frontejro aos ilheos,<sup>1</sup> sendo à custa da Fazenda Real «prouidos, de pam carne e vinho, abastamtem<sup>te</sup> e com jsto comtjnauauão na sua guarda, avendo homens q̄ destas vjtualhas tinhão carguo, p̄ não auer algũa falta, e aparelhado carretas com falcões pedrejros, e outras pesas de artelharja pera acudjrem a todas as partes, ajmda q̄ a gemte não soubese o segredo do g<sup>dor</sup>, da vjnda de dõ lopo de figejroa, e o chegar çe o jnuerno nam dejxarão de emtêder que era algum mjsterjo fazerem tam gramde guarda, pelo q̄ fazjam tudo com majs gosto e cudado»<sup>2</sup>.

1 Os sublinhados vão de nossa conta, assim como outros adiante.

2 Fr. Pedro de Frias, ob. cit., p. 57.

D. Pedro de Valdez, naturalmente vexado nos seus brios de soldado e pundonores fidalgos, «mandou Recolher as lamchas, com os poucos q̄ nelas escaparão do djlujvo q̄ naquela ora vjrão e o pataxo em q̄ duarte de vascomselos estaua ...» encerrou-se «dõ pº na sua camara aquele dja segjnte, ao houtro deu ordem como bom capitam do q̄ se auia de fazer fez Resenha não pubrjca achou q̄ auja de soldados nouemta e sejs com os ferjdos ...»<sup>3</sup>.

A batalha da Salga no último quartel do séc. XVI, *rija batalha* lhe chamou Nemésio, representou um acto admirável de sobrevivência e liberdade, simbolizada nos valores dos conceitos pátrios e no exemplo extraordinário do Corregedor Ciprião de Figueiredo, lugar tenente de D. António, Prior do Crato.

## II

Uma Mulher  
chamada Brianda

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 58.

Os dois autores que mais vimos seguindo — Frutuoso e Pedro Frias — ambos coevos dos acontecimentos da Salga, não legaram à posterioridade nas suas apreciadíssimas crónicas a mais leve observação a Brianda Pereira, a heroína consagrada pelos mais modernos historiógrafos. Fr. Pedro de Frias refere-se às mulheres no seu conjunto: *as mulheres acudjram ao campo, com tanto anjmo q se tjuerão armas<sup>1</sup>, tambem pelejarão, bradão q desem batalha, o q fazja aos portuguezes, terem mayores desejos de a darem* (ob. cit., p. 50). Frutuoso, por sua vez, omite qualquer alusão ao mulherio heróico da Salga, muito embora ele se tenha afirmado como já vimos por voz coeva.

Francisco Ferreira Drumond, historiador do séc. XIX, nos *Anais da Ilha Terceira*, ao começar a Quarta Época — período de D. Antonio Prior do Crato — fornece a bibliografia de que fez uso entre a qual cita uma relação anónima de 1611, que ele reputa de exacta e que estivera na posse do padre-mestre Fr. Diogo das Chagas e seguida pelo P<sup>e</sup> António Cordeiro. Decerto fora essa relação a exumar do pó do olvido a figura dessa valorosa Mulher chamada Brianda.

Nessa mesma *Relação* (publicada no *Arquivo dos Açores*, vols. IX-X) pode-se compulsar a primeira forma narrativa sobre a heroína da Salga. Diz o autor anónimo:

*Vivia alli um Bartholomeu Lourenço com mulher e filhos; a mulher andava em corpo, sendo mulher nobre e moça, e seu marido lavrador*

---

<sup>1</sup> Parece se armaram mesmo, a avaliar por este passo da *Relação anónima* de que se serviu Drumond: «... havia mulheres com armas nas mãos que se não tiravam de longo dos seus maridos a pelejar, e outras que não tinham maridos» (cf. *Arch. dos Açores*, X, p. 14).

rico entre a gente da terra, dizendo que ella fugira d'entre as mãos delles, cuidando que seu marido fizera o mesmo, e que o tinham já cativo ferido, fugindo um seu filho que o viera contar. A pobre mulher andava como doida, e os soldados da armada de posse da casa e de toda a sua fazenda, e os soldados da armada senhores do mar, e os barcos e os bateis a desembarcar gente, té que botaram em terra com mil soldados...

Noutra passagem da *Relação anônima*: Quando a pobre mulher, por nome Angela<sup>1</sup> Pereira, viu arder suas cearas e os frascaes da eira, e seu marido cativo, e ferido, e sua casa e fazenda em poder dos soldados, e ella com pressa em saia escapou, parecia uma doida, e com as lastimas que dizia animava aos portuguezes pra que melhor pelejassem, e a tinham por mão porque se queria ir meter em sua casa: e por que era moça nobre e bem parecida, e mulher muito galharda, sem falta sua honra e vida por resistir seria acabada. E a fizeram recolher com outras mulheres a cima a uma igreja de S. João<sup>2</sup>.

Este texto fez inspirar os modernos historiógrafos e os dinamizadores da cópia histórica de Lucrecia. A Drumond, tido como o iniciador desta corrente, fez escrever o seguinte período onde Brianda aparece resplandecente na sua heroicidade feminina, ela que provavelmente andaria como doida e em saia pensando nas consequências brutais desse dia de sangue: «De toda aquela vasta planície que se diz o vale estava senhor o Castelhana e os Portuguezes lhe ficavam iminentes sobre as collinas que estão da parte do nascente, aonde se achava, e ainda existe, a quinta ou casa de Bartholomeu Lourenço, lavrador abastado, que nella vivia com sua mulher Brianda Pereira, moça nobre e assás formosa, da qual tinha filhos. Parece que a sua beleza fora nos dias antecedentes objecto da curiosidade dos Castelhanos, porque foi o primeiro despôjo que elles queriam saquear de sua casa. Felizmente — continua Drumond — pôde esta nova Lucrecia escapar-se às mãos dos soberbos Tarquínios que a pretendiam, e já levavam prisioneiro ao marido, a quem haviam ferido gravemente, e a um filho...».

Claro, Drumond, deu um passo em frente nos pormenores da batalha da Salga e fez entrar em cena a peregrina Brianda. Quanto aos cronistas mais antigos se põe naturalmente uma interrogação. Porquê não

1 Brianda.

2 *Relação das coisas que aconteceram em a cidade de Angra, Ilha Terceira, depois que se perdeu El-Rei D. Sebastião em África*, in *Arch. dos Açoes*, X, 14.

falaram da heroína? Seria que os padres (e por que não?) — Frutuoso, Pedro Frias e Maldonado, mais tarde, Cordeiro também, encobririam por educação religiosa ou mero sentimento púdico a cupidez ou luxúria dos castelhanos que viam na moça nobre e assás formosa o ambicionado primeiro despojo que elles queriam saquear?

Mas, voltando à narrativa, vai dizendo Ferreira Drumond que os espanhóis senhoreados da casa saqueavam, destruíam, e conculcavam à sua vontade todos os móveis, chegando finalmente ao excesso de largarem fogo aos frescaes de trigo que estava na eira<sup>1</sup>.

Torna-se evidente que, a partir deste autor, todos os mais foram acolhendo, cada qual com mais deleite, a bela imagem da heroína da Salga. José Joaquim Pinheiro (*Épocas Memoráveis*, II, 56) descreve-a deste modo: «...Brianda Pereira, vendo prisioneiros seu marido e um de seus filhos, mostrou o seu animo varonil, armando com dardos as mulheres que tinham corrido à peleja com seus maridos e filhos, e persuadindo com argumentos de virtuosa esposa e mãe desvelada a gente terceirense, leva as do seu sexo a carregarem sobre o inimigo com tal denodo que puderam alcançar a salvação do prisioneiro ancião e de seu filho, ambos bastante feridos. Só não poude esta heróica espartana evitar o incêndio que lavrava na casa e na eira e abegoarias que lhe ficavam contíguas, onde os castelhanos até às próprias meses de trigo tinham lançado fogo...».

A narração é toda ela decalcada no anterior, Drumond. Daqui por diante os prosadores tomam os arrobos que querem e dão rédea solta à sua prosa inspiradora. Gervásio, esse, chega mesmo ao ponto de a dizer uma das mais lindas mulheres da ilha.

Seria curioso saber-se onde ficava a quinta ou casa de habitação, no vale da Salga, de Bartolomeu Lourenço e Brianda Pereira, sua mulher. Um esclarecimento de Drumond vem a propósito, mas sem fundamento: «Esta propriedade — diz ele — pertencia à capella d'André Gomes, e Maria de Moraes, de que era administrador Luiz Valadão, casado com D. Beatriz (*aliás, Iria*) de Tavora, filha de Francisco Gonçalves de Tavora<sup>2</sup>, o primeiro deste apelido e que veio da ilha da Madeira com seu irmão Bernardo de Tavora, de quem temos fallado. Alguns anos depois um devoto

1 Francisco Ferreira Drumond, *Anais*, I, 219.

2 Neta deste e filha de Domingos Gonçalves de Távora, de quem também foi filho Bernardo de Távora (cf. Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares (Carcavels), *Nobiliário da Ilha Terceira*, II, tit. de Távora, p. 393.

desta família, que se diz ser Matheus de Tavora, edificou ali a ermida do Senhor Bom Jesus, em cumprimento d'voto feito no dia deste combate. É hoje (1850) actual administrador desta capella Luiz Merens de Tavora»<sup>1</sup>.

Pela descrição que fez da batalha da Salga Fr. Pedro de Frias, se viu que dos primeiros destroços que fizeram as hostes espanholas foi entrarem nas poucas casas que por ali havia e queimá-las. Antes ainda que tivessem chegado as forças de S. Sebastião «tjnhão Ja os jmigos emtrado hũ pedaso polo terra demtro *ate hũa casa de palha* q̄ estaua hũ tiro de arcabuz do p̄to, as qual os castelhanos quizerão emtrar, e Ja em baixo tjnhão queimado outra»<sup>2</sup>.

Fica-se sabendo ainda pela narrativa deste frade que a casa que tinha ardido antes era de uma filha de Gonçalo Anes Machado, que, desvairado, se atirou à luta vindo a falecer com seus filhos em pleno campo de batalha. Ele com *dous filhos, e hũ crjado quando vjram arder a casa, q̄ era de hũa sua filha*...

Noutro passo, referindo-se a esta segunda casa, em *a qual os castelhanos quizerão emtrar*, diz o mesmo autor quinhentista: *ao tp̄o q̄ chegou* (Francisco Dias de Santiago com reforços) *estauão os castelhanos pera p̄ foguo a casa de palha, honde moraua gemte*...<sup>3</sup>.

Mais adiante ainda diz que os espanhóis ao fazerem desembarque na «Salgua» *pozerão foguo aos triguos e ã hũa ejra*<sup>4</sup>. Pertencia esta eira ao lavrador Bartolomeu Lourenço, ao que revela o historiador Maldonado na sua seguinte passagem: «Hauião os Castelhanos lançado fogu a algũas searas q̄ estauam já em termos de ceifa, a hũs por lhes conuir em rezão de lhes ficar o campo liure pera a formatura do exercito e outros por

1 *Anais*, I, 219, nota.

2 Fr. Pedro de Frias, ob. cit., p. 46.

3 *Ibidem*, p. 47.

4 *Ib.*, p. 51.

hostilidade *principalmente ao trº q̄ estaua já enfraxado na Eira de Bartolomeu Lourenço*<sup>1</sup>.»

Destas palavras entende-se que houvesse hostilidade da parte dos invasores para com os residentes, o que se compreende sem qualquer dificuldade, mas, porquê logo aquele *principalmente*, que Maldonado acentua, ao trigo que estava *na eira de Bartolomeu Lourenço*? Será esta uma forma, velada, de dizer da raiva surda a encapotada à propriedade onde vivia a *moça nobre e assãs formosa Brianda*?

Por as simples extracções que aí ficam e na sequência, que cremos cronológica também, da narração de Fr. Pedro de Frias, temos que aparece em cena primeiro o alvoroço das mulheres que «acudjram ao campo», decerto neste ponto entrando e se revelando com o «ânimo varonil» que lhe é atribuído pelos historiadores posteriores, a valente mulher Brianda Pereira, espicaçando as outras. Só depois, até porque «cõinha pelejarem emtrjncheirados» se entreteve o inimigo até que chegasse o *guado* que andava na setra e que era *gramde cantjdade de vacas*<sup>2</sup>. A esse tempo, deitando mão de expedientes, se mandou buscar também *hũ falcão pedreiro pera com ele fazer dezalojar os españoses, q̄ estauão de posse de hũa casa sobradada, dõde p̄ emtre as telhas do telhado tjrauão e fazjão dano aos portuguezes, e na Janela tjnhão posta a sua bandejra*...<sup>3</sup>.

Decerto seria esta casa sobradada, a do Bom Jesus da Salga, nas propriedades vinculadas à capela de André Gomes, assim como a outra, era da filha de Gonçalo Anes Machado, restará perguntar de quem seria a casa em que, entrados os espanhóis, no campo da Salga e indo por terra dentro a jeito de um tiro de arcabuz a darem *ate hũa casa de palha* onde quiseram entrar?

O Padre Maldonado circunstanciando os reforços que chegavam pelo lado do Porto Judeu assevera que *aí acharão os Castelhanos em terra já senhores do posto q̄ se diz a Casa da Salga e da morada de um lavrador dos mais abastados da freguezia q̄ se chamaua Berm<sup>ou</sup> Lourenço a quem já havião prezonado com seos filhos, e por fortuna lhe auia escapado a m<sup>er</sup> q̄ tratou de se por a cobro logo que sentio o inimigo*<sup>4</sup>. Por esta descrição do padre-capelão deverá concluir-se que a quinta de Bartolomeu e sua mulher Brianda era uma das primeiras propriedades do fanal para dentro?

1 P<sup>c</sup>. Manuel Luís Maldonado, *Fenix Angrense*, p. 105, mans. exist. no Ar. Dist. de Angra do Heroísmo.

2 Fr. Pedro de Frias, ob. cit., p. 50.

3 *Ibidem*.

4 P<sup>c</sup>. Manuel Luís Maldonado, *Fenix Angrense*, ms. fls. 103 v.

\*  
\*   \*  
\*

Em 15 de Junho de 1596 Brianda Pereira e seu marido fizeram o que toda a gente de certos recursos e qualidade nessa época fazia, instituíram um vínculo. Notícias desse vínculo dá-nos um inventário de todos os bens que ficaram por óbito de D. Francisca de Paula Merens e Noronha, mulher de Luís Meireles de Canto e Castro<sup>1</sup>, do seguinte modo:

*Vínculo instituído por Bartholomeu Lourenço e sua mulher Brianda Pereira em quinze de Junho de mil quinhentos noventa e seis.*

*Dez alqueires de terra lavradia com uma casa de palha, sita no lugar do Porto Judeu<sup>2</sup> que confrontão pelo Norte com terras dos herdeiros de Diogo de Bettencourt, Sul e Poente com terras de Luzia Margarida, Nascente com terras da Misericórdia d'esta cidade. Está aforada<sup>3</sup> a Alexandre José Cardozo, e paga um moio de trigo e seis gallinhas, avaliado em trezentos setenta e oito mil reis.*

Uma tradição oral parece apontar ainda para uma casita que o tempo acabou por consumir e que os velhos traziam na conta de ter sido ali a morada dessa briosa Mulher. Seria?

Volvamo-nos agora para as terras da capela de André Gomes, onde existe uma bela vivenda, designada por *Casa da Salga* ou do *Bom Jesus da Casa da Salga* e que terá sido construída no ano de 1562 a fazer fé pela data que lá existe. A ermida anexa, também datada, da invocação do Senhor do Bomfim, foi fundada no ano de 1682 por Mateus de Távora Valadão, capitão, descendente directo de André Gomes, o abastado proprietário de terrenos no lugar da Salga, em que instituiu capela vincular em data anterior a 1523.

Segundo notas que possuímos, André Gomes que, além de ter sido *mercador*<sup>4</sup>, como declara ele próprio em seu testamento, é tido por um manuscrito genealógico (Coelho Borges)<sup>5</sup> como *hum dos homens nobres*

1 Documento em nosso poder.

2 O sublinhado continua a ser nosso.

3 Era este aforamento à data de 8-III-1838.

4 Nesse testamento, feito em IX-1523, diz ele, o testador: *...darão a pobres doze mil reis por algum encargo que eu sou encarregado tempo de quando eu era mercador em minhas vendas e compras...*

5 Existente no Ar. Dis. de Angra do Heroísmo.

*principais d'Angra sendo villa ainda.* Foi este André Gomes casado com Maria de Moraes, filha de Aleixo Gomes e de Bárbara de Amorim (*que eram senhores das casas e sitio em que foi fundado o Mosteiro da Esperança de Angra*), instituidores da capela de Jesus no Convento de S. Francisco *que e a capella que fica a b.<sup>a</sup> do Evangelho (...) quando se sai da sacristia*<sup>1</sup>, os quais fizeram testamento de mão comum como confirma uma cédula do próprio, com data de 2 de Setembro de 1523, vinculando terras na Casa da Salga. Esse testamento de mão-comum terá sido o assinado à data de 26 de Abril de 1522 em escritura do tabelião Melchior Damorim, assinada no Mosteiro de S. Francisco perante o guardião e outros padres daquela comunidade conventual e em que André Gomes, *mercador na dita vila*, e sua mulher Maria de Moraes fizeram as suas disposições atinentes a uma capela naquele mosteiro<sup>2</sup>.

A propriedade constituída pela terça do instituidor André Gomes, que rendia sete moios e vinte alqueires de trigo por ano, compunha-se de bom lote de terrenos, consoante se ajuíza dos elementos da partilha que nos foram possíveis colher de um traslado de *Sent.<sup>a</sup> de Redução de Legados na Cap.<sup>a</sup> de Andre Gomes*.

#### PARTILHA E QUINHÃO QUE TOCOU À TERÇA DE ANDRÉ GOMES NAS TERRAS DA CASA DA SALGA

*...e Logo os ditos Louvados medirão adita herdade os ditos trez moios equarteiro de terra eos apartarão emedirão pelas medias seguintes pelas comfortaçoes ao diante declaradas dentro das quaes forão devididas apartadas e medidas os ditos trez moios equarteiro de terra comuem asaber no Serrado das Ladeiras cincoenta etrez alqueires etrez quartas aparte da banda do Norte com caminho do Conçelho que uai da Villa de São Sebastião para o Porto Judeo do Levante com terras de Gaspar Gonçalves o Gordo e o poente com terras dos herdeiros de Alvaro Pires Ramires medirão logo o Serrado e por este Serrado das Ladeiras aoutro segundo eterceiro Serrados que são os que*

1 Ms. Coelho Borges, já cit.

2 Arq. Dist. de Angra do Heroísmo, Tombo do Mosteiro de S. Francisco.



trazião de Aguiar couto que se acha da Figueira que traz Manoel Cancello os quaes Serrados ambos tem hũ moio evinte etrez alqueires de terra aparte da banda do Norte com o mesmo Serrado atraz dito das Ladeiras edo Leuante com terras de Gaspar Fernandes o Gordo e Gaspar Gonçalves de Linhares edo Poente com os herdeiros de Alvaro Pires Ramires. E logo outro sim, medirão e partarão da parte do dito Serrado da figueira direito do Norte a Sul atbe ofanal sincoenta enoue alqueires de terra que tem comfôrtação daparte do poente com aparede das mesmas terras dos herdeiros de Alvaro Pires Ramires edo Sul com ofanal edabanda do Leuante parte sempre com as mesmas terras do dito Antonio Gomes de Moraes e porque estes sincoenta e noue alqueires daparte do Levantae tem devizão deparedede fica devidido por estas medidas seguintes Seiliuel (?) ao Longo do fanal dopoente para o Leuante settenta eito uaras e terca de braça e em sima ao Longo daparedede do serrado da Figueira tem outras tantas braças e fica em quadra Logo meterão suas marcas nesta vedadeira medida que não tem paredes para comfôrtações os quaes marcos são dois marcos hum abaixo do ouïro em sima com cada hum suas trez testemunhos em Cruz o marco dentro nas quaes medidas assim ditas ficiao os trez moios equarteiro de terra que cabem ao defunto medido acento e dez braças por moio e desta maneira ouverão a dita medição e partilha por feita acabada...<sup>1</sup>.

Anos mais tarde, Maria de Moraes, que sobreviveu ao marido, fez novo testamento assinado pelo tabelião Baltazar Gonçalves a 2 de Julho de 1558, em que diz que o *compromisso que fiz com Andre Gomes que Deos baja, apartamos ambos nossas Terças na herdade da Caza de Salga, e em certos foros nesta Cidade, o qual apõtamento de terça fizemos por nós sem authoridade de justiça, e por que o dito compromisso feito muito tempo antes que o dito Andre Gomes fallescesse, e depois assim em sua vida como por seu fallescimento succederão muitas dividas que se pagarão e despesas que se fizerão, foi necessario ao tempo aqui fiz partilha*

1 Propriedade que se mantém ainda na posse da descendência desta família.

*com Antonio Gomes de Moraes meu filho apartar-se denovo a terça do dito Andre Gomes seu pai aqual não ficou tamanha como era aque elle no dito compromisso apartou: e porem ficou aella a metade da herdade da Caza da Salga a qual possuiu como administradora da capela do dito...<sup>1</sup>.*

O vínculo que, por sua parte, instituiu esta Maria de Moraes, constava de *trez moios e quinze alqueires e trez quartas de terra lavradia, sita na Caza da Salga*, que rendia anualmente nove moios de trigo avaliados em trez contos duzentos e quarenta mil rs., ao que certifica uma Carta de Sentença extraída de uns autos de petição justificativa, em que foi justificante Luís Meireles do Canto Merens e Noronha, descendente directo dos instituidores destes importantes vínculos, propriedade que mais tarde passaria a denominar-se *Quinta do Senhor Bom Jesus da Salga*, tal qual é conhecida ainda nos nossos dias.

Quinta da Casa da Salga lhe chama Inácio de Távora Merens, administrador daquele vínculo, ao solicitar no ano de 1714 do corregedor da correição dos Açores o montante gasto nas benfeitorias da capela, inventariado por morte de sua mãe, D. Antónia Pereira da Silveira, viúva, e feitas em tempo do marido desta o capitão Alexandre de Távora Merens, neto da filha de Brianda Pereira e de Bartolomeu Lourenço o quinto neto de André Gomes e Maria de Moraes, que importavam em um conto quarenta e três mil quinhentos quarenta e cinco rs., benfeitorias essas que parece provinham do pai e do avô, isto é, de Mateus de Távora Valadão e de António Valadão de Moraes, casado com Maria Pereira de Gusmão, moradores que forão no Porto Judeu e que terão feito nas casas da propriedade da capela largos melhoramentos para que se diga, em dado passo da sentença que *o valor grande das bemfeitorias antigas seria em cazas nobres e cappella*.

Alegava o suplicante Inácio de Távora, numa sua tentativa de diminuir os legados que pesavam sobre as obrigações vinculares, que as benfeitorias que se *acham fabricadas nas terras desta cappella* tinham «vitalidade para as colheitas, e recolhimento dos trigos, milhos, legumes etremosso, e para as palhas dos bois, rezes, e bestas, e assim nam se escuzão todos as ditas casas...». Deve tratar-se das abegoarias em derredor. Para a ermida, a do Bom Jesus, de tão grandes e afamadas peregrinações e festas religiosas,

1 Fragmento de um treslado, nos nossos papéis.

argumentava o mesmo que «a Ermida que se acha nas terras da dita capella (de André Gomes) ainda he mais necessaria, porque a respeito desta se sojeitão os rendeiros a pagar mayor renda da que pagaria se a não tivesse (sic), porque tem a conveniência do sancto sacrificio da Missa sem o discomodo de hirem com a sua família a (sic) freguesia que tem muita distância do lugar da dita Ermida»<sup>1</sup>.

O primeiro administrador desta capela, dita de André Gomes, foi o licenciado António Gomes de Morais, filho dos antecessores, juiz ordinário em Angra pelo ano de 1532, casado com Catarina Luís ou Catarina Álvares, filha de João Vieira, natural do reino, e de Maria Rodrigues Meireis (sic)<sup>2</sup>.

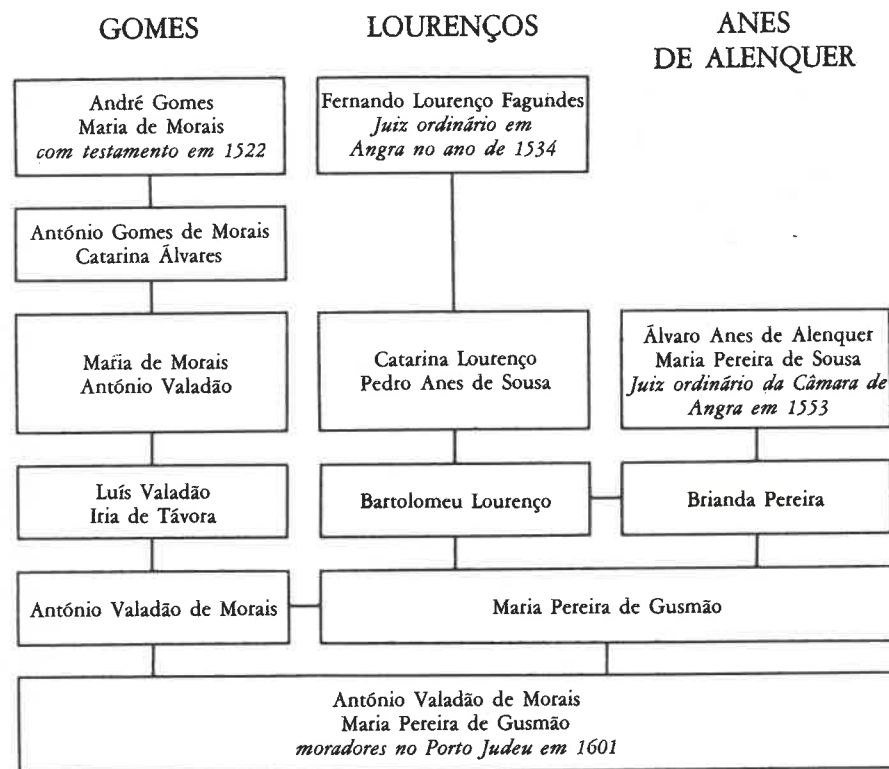
André Gomes e Maria de Morais, tiveram, ao que se sabe, mais uma filha, Antónia Gomes, que morreu solteira.

O licenciado António Gomes de Morais e sua mulher tiveram, pelo menos, uma filha de nome Maria de Morais, «madrinha de hum baptizado feito na see em vintte e hum de Abril de mil quinhenttos quarentta e nove» (Maldonado), que casou com António Valadão, filho de João Rodrigues Valadão, e de Catarina Gonçalves de Antona, bisneto do primeiro João Valadão, tronco desta família com dadas nos Altares.

Esta Maria de Morais e o marido António Valadão tiveram um filho chamado Luís Valadão, que casou com Iria de Távora, filha de Domingos Gonçalves de Távora e de Beatriz Álvares, na Sé de Angra aos 25-IV-1573.

Deste casal nasceu António Valadão de Morais ou António de Távora Valadão, que terá sido o administrador da capela de André Gomes e de Maria de Morais, morador no Porto Judeu e, portanto residente na quinta

## QUADRO GENEALÓGICO



<sup>1</sup> Documento em nossos arquivos.

<sup>2</sup> Numa justificação que fez o capitão Mateus de Távora ou Mateus de Távora Valadão, declara-se este terceiro neto de «Catherina Alvares molher de Antonio Gomes a qual hera legitima irmaa inteira de João Martins Mrens, que foy cazado com Maria Luiz...». Noutro documento e por testemunho do Pe. Manuel Luís Maldonado se diz que foi «Catherina Alvares madrinha de Maria filha de Manoel Lourenço e de Isabel Alvares baptizada na see pelo conigo Andre Pires, em vintte e hum de Junho de mil quinentos quarenta e outto».

da Salga, e foi casado com Maria Pereira de Gusmão, filha da heroína, popularmente famosa Brianda Pereira e de seu marido Bartolomeu Lourenço. Esta Brianda Pereira foi filha de Álvaro Anes de Alenquer, cavaleiro e fidalgo da Casa Real, juiz ordinário da Câmara de Angra no ano de 1553, e de sua mulher Maria Pereira de Sousa, igualmente progenitores de Germão Pereira Sarmento, provedor que foi da Fazenda Real das Ilhas dos Açores e fidalgo de Cota de Armas. Os pais desta Brianda Pereira foram possuidores de avultados bens em S. Pedro de Angra<sup>1</sup>.

Crível que os Lourenços fossem pessoas de qualidade e haveres para que se realizasse uma tal união. Dessa família informa o Manuscrito genealógico Coelho Borges. Fernando Lourenço Fagundes, parente de Afonso Lourenço, que se acha ser vereador na Câmara de Angra no ano de 1534, não consta com quem casasse, mas crê-se que o fosse (opina o autor do ms. baseado no Pe. Manuel Luís Maldonado) e haja sido sua filha ou neta Catarina Lourenço, casada com Pedro Anes de Sousa.

Este casal teve vários filhos, entre os quais Bartolomeu Lourenço, casado com Brianda Pereira, a qual consta ter sido madrinha no ano de 1596, data em que, também, com o marido testaram certamente de mão-comum.

Finalmente, a filha deste casal, dita Maria Pereira de Gusmão, que terá nascido no ano de 1576<sup>2</sup>, teria cinco anos na altura em que se travou a batalha da Salga, veio a casar com o supra referido António Valadão de Morais, descendente de André Gomes e possuidor da sua fazenda na Casa da Salga, na chamada Quinta do Bom Jesus. Foi este casal morador no «porto judeu termo da villa de San Sebastiam», e ali ainda vivia à data de 23 de Dezembro de 1601, em que António Valadão de Morais, com procuração de sua mulher Maria Pereira de Gusmão no «convento de nosa Senhora da Grasa de religiosos da ordem do glorioso padre santo agostinho cito ao sainte da dita cidade» outorgara uma permuta de propriedades com Fr. Jerónimo de Sequeira, prior daquele mosteiro, e os padres Fr. João Baptista e Fr. José de Santo Agostinho. Tratou-se de *trocar todos os seus bens de casal que estavam na cidade dangra detras do*

1 vid. António Maria Mendes e Jorge Pamplona Forjaz, *Genealogias da Ilha Terceira*, manuscrito a publicar, títulos de *Alenquer, Fagundes, Morais, Tavoras e Teves*.

2 De um instrumento de permuta de terras com os frades da Graça, à data de 21-XII-1601, onde se diz: «...que a elle (António Valadão de Morais) pertence per si e em nome da dita sua mulher que dise ser mulher de vinte sinco anos de idade...».

*chafariz das covas*, destinadas, disseram os frades, *pera ofisinas do seu novo convento que no dito sitio dos ditos foros com o favor divino estam terminados fabricuar*.

Estas propriedades do casal constituíam um morgado de foros e casas que lhes «fiquou de C.<sup>a</sup> Valladam, defunta». A permuta dos frades era por sua vez meio moio de terra, *ou tanta quanta for, aonde se diz a Casa da Salga*<sup>1</sup>.

1 *Idem* no mesmo documento *sobre a permuta dos Frades da Grasa p.<sup>a</sup> afundação do seu convento*, nos nossos arquivos.

### III

Etimologia da Salga  
nos Açores .

De onde provirá o nome de *Salga* dado àquele lugar do litoral da Ilha Terceira?

Mais propriamente o sítio, desde remotos tempos, talvez desde o Povoamento, ou pouco depois, chamava-se já *Casa da Salga*. (Frutuoso, *Saudades da Terra*, L<sup>o</sup> VI, 156) ao fazer a descrição da Ilha desde a «ponta da serra de Santiago ao de João de Teives, da parte do oriente, pela banda do Sul, até à cidade de Angra», diz textualmente: «Além do porto da Ribeira Seca vai cortando a costa, fazendo uma grande ponta ao mar, que se chama Ruiva, e, logo adiante, faz uma enseada pequena, correndo pouco espaço com alta rocha até uma calheta, onde se chama a *Casa da Salga...*».

Não esquecer que o Dr. Gaspar Frutuoso escreveu as suas preciosas *Saudades da Terra* nos fins do séc. XVI e ali consagrou este topónimo terceirense.

Pelo que fica dito, entende-se que há um lugar determinado na costa da Terceira que em nossos dias se chama *Salga* e antigamente ao que dizem os velhos papéis e crónicas, se denominava *Casa da Salga*. Porém, como se justificará adiante, outros sítios teriam a essa mesma época igual designação. Assim, segundo ainda o mesmo autor e no concernente à Terceira, refere ele (*IB.*, p. 13) que desde a ponta da Serra de Santiago até onde acaba a Serreta, dita também a ponta da Baleia, além da freguesia de Santa Bárbara «são sete léguas de comprido, e sua largura de norte a sul, do biscouto que se diz a Alagoa do Pampalona (*sic*), da banda do norte, chamado porto da *Casa da Salga* do Pampalona ...».

Ora, este Pampalona, Gonçalo Álvares ou Alves Pampalona, homem fidalgo, tronco da família deste apelido nos Açores, estabeleceu-se nos

Altares, *Altos Ares*, ao norte terçeirense pouco depois da Descoberta, nos princípios do séc. XVI, ali fundando habitação com capela dedicada a Santa Catarina.

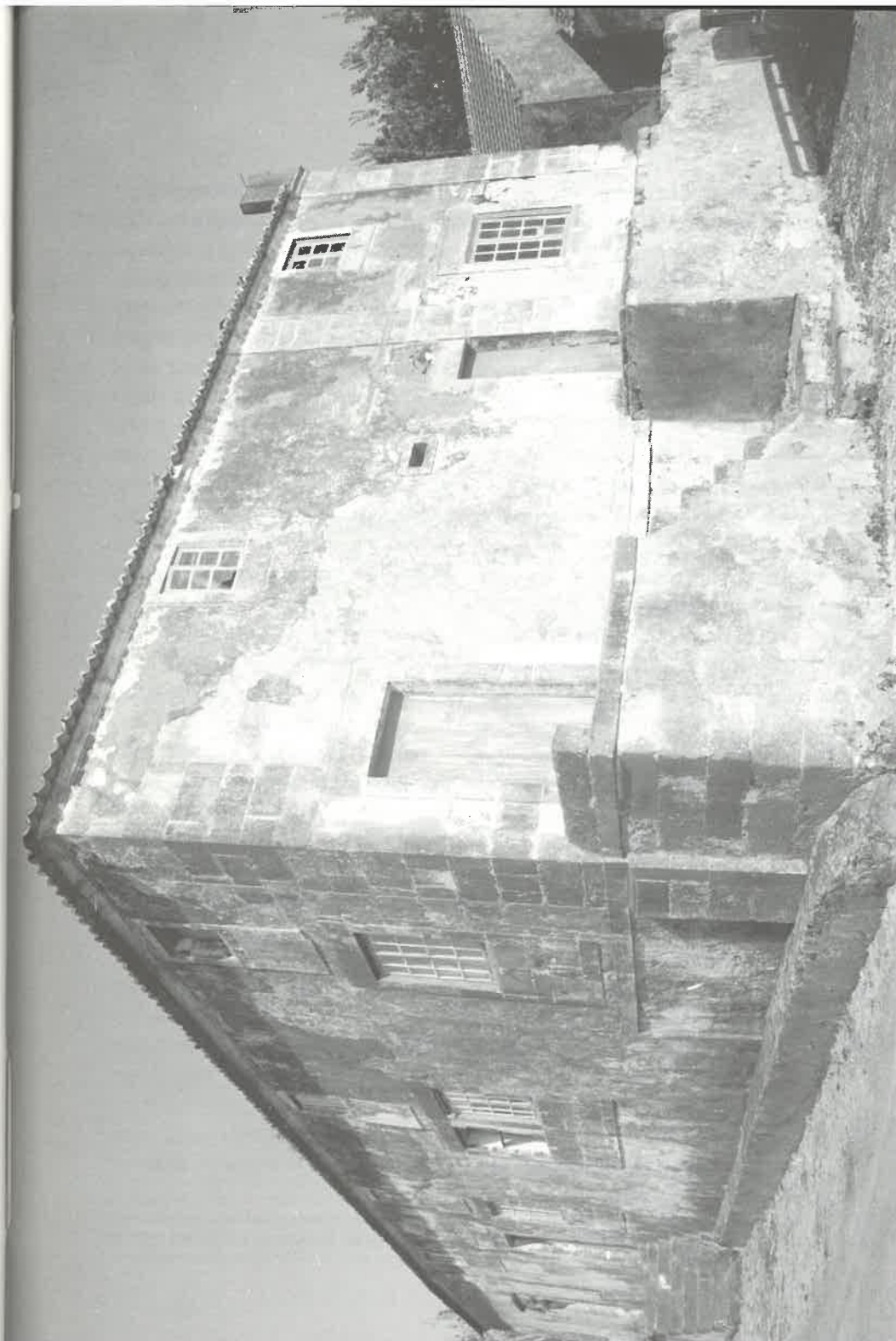
Das passagens até agora transcritas, obtém-se a informação de que nos Altares, norte da Terceira, havia a *Casa da Salga do Pamplona* e a sul, no Porto Judeu, *outra Casa da Salga*.

Noutra passagem das *Saudades da Terra* (*Ib.*, 38) em que o autor descreve os Biscoitos, igualmente povoação nortenha, diz: «Este biscoito de Pedreanes do Canto se chama o Biscoito Gordo, por ser por uma das partes terra, alta e por outro nome se chama de Mã Terramenta (*sic*), porque foi um homem desta alcunha o primeiro possuidor dela e depois a vendeu a Pedreanes do Canto, uma légua de comprido pela costa do mar e meia légua de largo do mar à serra, tudo prantado de vinhas e grandes pomares, a mais fresca coisa neste género que há em toda a ilha, onde se dá infinidade de vinhas e frutas. A costa do mar, por esta parte, é quase toda rasa e muito brava, nela está um porto, onde varam os batéis, que se chama a *Casa da Salga*, que serve para todos os moradores desta freguesia...».

Até aqui, a não fazermos confusão, temos mais de um sítio na Ilha Terceira em que, pelo menos no séc. XVI, tiveram topónimos idênticos — *Casa da Salga* a norte, nos Biscoitos e no Porto Judeu.

Frutuoso nomeia ainda nas suas crónicas a *Casa da Salga* quando se refere à invasão de D. Pedro de Valdez (batalha da Salga em 25 de Julho de 1581): — «Buscando o lugar, com conselho de seus capitães, como tenho dito, deitou em terra, uns dizem que quatrocentos, outros seiscentos, outros oitocentos homens, em um porto que se diz a *Casa da Salga*, da banda do sul, duas léguas da cidade de Angra...»<sup>1</sup>. Logo, aqui, um *porto* em que se diz a *Casa da Salga*. Bélicamente desprovida, «não havia então nela — refere o mesmo autor — munições de guerra, nem fortalezas, que logo fizeram; na mesma *Casa da Salga* está uma muito notável, e outras muitas pela costa». Na descrição da *Viagem do comendador de Chaste à Ilha Terceira* (1583), observando as posições que encontrou (e parece que contraditórias com as do Prior) (*Arch. dos Açores*, II, 222) refere que na *Casa da Salga* «distante do Porto Judeu um quarto de légua, com uma montanha de per meio, o capitão la Valade,

1 Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, L<sup>o</sup> VI (1963), p. 156.



com sua companhia que eram (*sic*) de 40 homens, e uma companhia de portugueses em Santa Catarina, distante uma légua da Casa da Salga». Mais concludente será este outro passo na mesma obra (II, 396): *Chama-se ali a Casa da Salga onde desembarcaram...* (os espanhóis).

Sobre a toponímia da Salga corre tradição oral de que o nome provém de terem *salgado* os castelhanos mortos na batalha, metidos em poços. Essa tradição (quanto aos poços) é confirmada por Frutuoso na seguinte passagem: «Em todò o qual sucesso, depois que a gente da terra os combateu com o gado e se determinou desbaratá-los e saltar com eles onde estavam, e não houve pessoa da terra que morresse, nem mais que dois feridos, durante a briga espaço de meia hora, depois que lhe botaram o gado, da qual se diz *estarem enterrados naquele porto, na Casa da Salga, em certos poços, seiscentos e setenta e seis homens...*<sup>1</sup>.

Este enterramento abrupto de que se abriram *muitas covas, que no tempo passado serviam de encovar trigo e um poço grande que ali estava, no qual dizem estarem metidos oitenta e sete corpos, encovando-os todos com muita cal nas covas e poço*<sup>2</sup>, e, possivelmente, também com muito sal, parece até dar mais razão e força à tradição de que a *Salga*, ao menos a da Terceira, nasceria de ali se terem porventura salgado em poços os infelizes castelhanos mortos na batalha, até pela existência de outras «Salgas» nos Açores, como a Lomba da Salga, o Pico da Salga, a Ribeira da Salga<sup>3</sup>, que nada terão a ver com as disputas de D. António e o suposto salgamento dos cadáveres da batalha.

As provas documentais, na verdade, serão, possivelmente outras, e muito diversas, porquanto o lugar designado por *Casa da Salga* era já existente uns bons sessenta anos antes da batalha, dita da Salga, travada a 25 de Julho de 1581.

Causa estranheza que o nome da Casa da Salga ou simplesmente Salga não figure na cartografia seis anos depois da batalha. Será o caso de Luís Teixeira que desenhando a sua famosa carta da Terceira em 1587 na mesma

1 *Ibidem*, p. 160

2 *Ib.*, p. 163.

3 Modernamente, ao que indica José Rodrigues Ribeiro (*Dicionário Corográfico dos Açores*, ed. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo), há a *Salga*, lugar e povoação da freguesia dos Fenais da Ajuda, concelho da Ribeira Grande; *Salga*, povoação na freguesia de S. Sebastião, concelho de Angra do Heroísmo; *Salga*, lugar na freguesia da Achadinha, concelho do Nordeste; e ainda *Salga*, forte mandado construir em 1581 por Ciprião de Figueiredo, governador da ilha Terceira, na freguesia de S. Sebastião, concelho de Angra do Heroísmo.

não mencione entre a *babia damina* e o *Piq° de Salvador Coelho*. Porquê? O estar-se nessa altura sob o domínio de Castela e alçada dos seus enérgicos governadores já explica alguma coisa. Mas, seria só isso, ou pretender-se-ia mesmo não ligar ao que se passou na Salga às centenas de espanhóis que ali encontraram uma morte inesperada e inglória?

\*  
\*   \*  
\*

Como já antes referido, nos primeiros anos de mil e quinhentos, vivia na antiga Vila de Angra um cidadão de nome André Gomes, homem abastado que tinha trato de negócios com outros não menos portentosos mercadores como Lucas de Cacena, um genovês por demais conhecido nas transacções do comércio da época.

Este André Gomes, homem previdente, que testara já antes de mão-comum com sua mulher Maria de Morais, *fizera quando fora desta Ilha para Portugal* uma cédula testamentária, a que já nos reportamos, com data de 2 de Setembro de 1532 em que instituíra uma capela de natureza vincular, onerada com diversos encargos pios, *sobre um testamento que ora temos feito, minha mulher Maria de Morais, e eu, que está em poder de Belchior de Amorim Tabellião, dos bens de raiz que hora temos e possuímos...*<sup>1</sup>.

Alguns anos depois, como também dito, já viúva, Maria de Morais fez nova cédula e, por ela, alterou as disposições antecedentes do casal, prescrevendo *que em o compromisso que fiz com André Gomes que Deus haja, meu marido, apartamos ambos nossas Terças na herdade da Casa da Salga, o qual apontamento de terça fizemos por nós sem autoridade de justiça, e por que o dito compromisso (fora) feito muito tempo antes que o dito André Gomes fallecesse...*<sup>2</sup>.

Quere isto, portanto, dizer que, muito antes de falecer André Gomes, que testara em 1523 e morreu entre esta data e 1526, já haviam disposto (ele e a mulher) e *apartado as suas terças na herdade da Casa da*

1 Trespado de uma sentença de redução de legados na capela de André Gomes, fls. 343, em nosso arquivo.

2 Fragmento de um trespado de uma cédula testamentária de Maria de Morais, já viúva, em nosso poder.

*Salga*, do que se extrai que o testamento do casal, *sem authoridade de justiça*, foi feito em data anterior àquela primeira. Por esse documento se colhe, também que a designação toponímica da *Casa da Salga*, no Porto Judeu, era já correntia antes de 1523.

Comprovada, deste modo, a antiguidade da *Salga*, ou melhor, *Casa da Salga*, conhecida assim já no primeiro quartel do séc. XVI, pouco depois do Povoamento, restará buscar as fontes da sua provável origem.

Dos muitos significados de *Salga*, poderemos reflectir algum tanto sobre alguns deles e emitir algumas considerações mais próximas ao caso etimológico em equação. Ferreira Deusdado, escritor culto e eloquente, em nota aos *Quadros Açóricos* (p. 70-1) dá a palavra *salga* como sendo «talvez a forma archaica de *celga*, planta hortense que naturalmente ali abundava. *Celga* (continua o mesmo autor) vem do árabe *celka*», melhor dito *assilka*. Quereria este autor referir-se a *celga* ou *acelga*, planta de raiz grossa, nutritiva como alimento pela sua substância açucarada, de nome científico *Beta vulgaris* Lin., subespécie *cycla* (Lin.), anual ou biennial, vivaz, herbácea, da família das quenopodiaceas, cultivada ao que parece em quase todo o país. *Acelga brava* é a sub-espécie *A. marítima* Lin. (*Grande Enc. Port. e Bras.*). Alfredo da Silva Sampaio (*Memória sobre a Ilha Terceira*, parte II — *Flora*, p. 71) fala da *Beta Vulgaris* (Watson, Droust, Trelesse), conhecida vulgarmente por *celga brava*, dando-a como existente também nas Ilhas de S. Miguel, Santa Maria e Corvo.

Por *salga* se chamou noutros tempos a um tributo que *en lo antiguo pesaba en Aragon sobre el consumo de la sal, y de que no estaban exentos los nobles y privilegiados, aunque alguna vez lo pretendieron* (Enc. Univ. Europ. Americana).

Muitíssimos autores têm empregado a palavra *salga*. Aquilino escreveu: «Acumulou a salgadeira com o cevado recentemente esquarterado e posto na salga...». Os brasileiros dão o nome de *salga* ao sítio na charneca onde a carne recebe o sal. Também é tida como bruxedo e feitiçaria, num composto de sal e cinza que se espalha pelas portas (Morais, *Grande Dic. da Ling. Port.*). A dicionarização mais vulgar esclarece, outrossim, que, *salga*, além do mais, é o acto de salgar ou dar sal. Na Espanha se diz que salgar é *dar sal a los ganados* ou, pormenorizando, *se hace a mano, abriendo por fuerza la boca a las reses, o a terreno poniendo la sal sobre piedras planas y lisas para al paso se pare a larnelas* (Enc. Univ. Europ. Americana).

O negócio do sal nos Açores seria importante e rendoso para que a sua venda, longe de ser livre, constituísse privilégio de capitães-donatários. No que respeita à Terceira muito sal se gastaria para que a Infanta D. Beatris, como tutora e educadora de seu filho o duque D. Diogo, concedesse por carta de 2 de Abril de 1464 a João Vaz Corte Real e a seus descendentes, entre outros privilégios, os do sal. Nesse documento, depois de enumerar várias garantias de *justiça e direito*, com jurisdição no civil e no crime, nos moinhos de pão e nas serras de água, nos fornos de cozedura e na doação de terras de sesmaria, diz-se: *Item me prax que tendo elle sal para vender o não possa outrem, somente elle, dando a elle a razão de meio real, ou sua direita valia, e mais não, e quando o não tiver, que os da dita Ilha o possão vender a vontade, até que elle o tenha*<sup>1</sup>.

Uma das derivações de *Salga* é *salgado* e, nesta acepção, se diz dos terrenos fracos junto ao mar, assim como se designam por relvas os terrenos que ficam nas povoações. Daí porventura, se passaria a chamar simplesmente *salga* ou *salgas* a tais terrenos de beira-mar? Todavia, a esse tempo, o lugar denominava-se não propriamente *salga* mas *Casa da Salga*, como já vimos.

Mas, se *salga* é o acto de salgar o peixe ou a carne para os curar: «há tantos porcos e veados que fazem delles *salga* e chacina», cita uma passagem de Damião de Góis (Faria, Dioc.), também é o lugar, o sítio, onde se *salgão* e *curão* peixes (Morais, ob. cit.). Nos Açores o peixe seria desde sempre fonte abundante e inesgotável de alimento e riqueza comercial, um dos bens da natureza mais profícuos ao homem. O Pe. António Cordeiro, falando da Ilha de S. Miguel (o que seria comum às outras deste mesmo arquipélago) lembra que o peixe era tanto «que de toda a casta o matavão, tomando-o à mão e à borda do mar sem anzol, e até aos porcos engordavão com peixe e ninguém o queria já *salgado*»<sup>2</sup>. E quanto aos preços nessa época eram os de seis cavalas (que as havia bastas como sardinha) por um real, as sardinhas, essas aos cestos, e noventa gorazes por um vintém e algumas espécies como pargos «não se aproveitavão senão das ventrechas; e nem do mais regalado peixe, que chamão bicudas, fazião muito caso»<sup>3</sup>. Ainda segundo o mesmo autor, fonte de pescaria seria

1 Pe. António Cordeiro, *Hist. Ins.*, 2.<sup>a</sup> ed., L<sup>o</sup> VI, II, p. 13.

2 *Ibidem*, I, p. 277.

3 *IB.*



a Vila da Praia, que, no conceito de Cordeiro (assim como de muita outra gente) era tanto mais gostoso «quanto participa mais no Norte», especialmente os grandes chernes e corvinas que de lá vinham vender à cidade de Angra<sup>1</sup>.

Perante esta extraordinária abundância de peixe não repugna a ideia de que houvesse em certos sítios da Ilha estâncias para a salga de peixe, porventura acomodado em barricas postas a bordo das embarcações dos aventureiros navegantes quinhentistas ao Rio S. Lourenço ou na busca esfalfante e infrutífera da *Ilha das Sete Cidades*, e alimento das próprias armadas das Índias, a Ocidente e Oriente, das frotas do Brasil ou de outras paragens até onde se aventurava o génio marítimo português. Conta o Pe. António Cordeiro que antigamente se faziam navios no Porto de Pipas, no Portinho Novo, nas *águas de S. Sebastião* e no areal da Vila da Praia. O porto que pertencia a S. Sebastião seria abrigado de certos ventos, como o *carpinteiro* que varria a baía de Angra em dias de tempestade. Nessas ocasiões seria ancoradouro mais seguro o das águas de S. Sebastião, que «he porto que fica para Nascente e também abrigado do Sueste...». Deve tratar-se da baía das Mós ou *Casa das Mós* (outro topónimo a averiguar?), como lhe chama José Joaquim Pinheiro, *Épocas Memoráveis da Ilha Terceira*, II, 71: «...dentro da bahia, ou *Casa das Mós*, que é a mais funda da ilha, e onde se elevam os chamados ilheus da Mina...». Nesse porto ou baía desembarcou D. António, Prior do Crato, mais tarde também utilizado *no ano da aclamação*, pela armada de Angra contra a praça castelhana. Foi este porto muito procurado pela navegação em tempos antigos, possivelmente chegados ao Povoamento, não sendo de todo incrível a ideia de que existisse nas proximidades uma laboração de salga de peixe destinada ao consumo das grandes viagens. Pela sua posição e centralidade coupava a *Ilha de Jesus*, nas dos Açores, a escala das naus de longo curso, que a procuravam como paragem obrigatória a receber mantimentos e aguada, o que, a tudo, providenciava o Provedor das Armadas. Mais natural e simples, seria a *Salga* provir das algas marinhas — uma riqueza costeira dos Açores.

1 *ib.*

## Índice

### I

O prior do Crato  
e as lutas Antoninas nos Açores 11

### II

Uma Mulher chamada Brianda 39

### III

Etimologia da Salga 55

## BIOGRAFIA

Valdemar Mota de Ornellas da Silva Gonçalves nasceu em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, a 11 de Abril de 1933, onde sempre tem residido.

Frequentou um estabelecimento de ensino daquela cidade açoriana, mas tem sido o seu auto-didactismo que o tem levado ao campo das letras e da investigação histórica.

É, actualmente, gestor de empresa.

Durante vários anos dedicou-se ao jornalismo, tendo numerosos e variadíssimos trabalhos publicados nos dois jornais angrenses *A União* e *Diário Insular*. Escreveu também para a revista *Portugal Maior*. Foi correspondente, na Ilha Terceira, do prestigioso jornal de Lisboa *Diário de Notícias* e do *Jornal Açoriano* de Toronto, Canadá.

Dos seus trabalhos históricos, já publicou vários, como se indica em lugar próprio, estando no prelo a obra *Santa Sé do Salvador — Igreja Catedral dos Açores*, história circunstanciada da Igreja mãe dos Açores.

Presentemente, é membro do Instituto Açoriano de Cultura, fazendo parte da direcção do mesmo, na qualidade de Tesoureiro, e redactor da revista *Ilha Terceira*.



## NOTA IMPORTANTE

Não obstante o que ficou referido a páginas 47 com base no manuscrito Coelho Borges, diz Henrique Henriques de Noronha no seu *Nobiliário da Ilha da Madeira (Biblioteca Genealógica Latina*, dirigida por Salvador de Moya), em título de *Morais*, que Maria de Moraes era filha de João de Moraes e de Isabel Nunes Cardoso, que viveram em Machico, na Madeira, neta de João Formoso de Moraes e bisneta de outro do mesmo nome, que fora Alcaide-Mor de Bragança.